

A VIRGEM DA TAPERÁ

A VIRGEM DA TAPERA

ROMANCE ORIGINAL

João Clímaco Lobato

Maria Aparecida Ribeiro

Organizadora

Henrique Borralho

Coordenador



2023

Este livro foi impresso e publicado com recursos
do edital FAPEMA edital IETC 08/2017

Introdução, transcrição, e notas: Maria Aparecida Ribeiro

Coordenação da edição: Henrique Borralho

EDITORA UEMA

Emanoel Cesar Pires de Assis

Emanoel Gomes de Moura

Fabiola Hesketh de Oliveira

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

Helciane de Fátima Abreu Araújo

Helidacy Maria Muniz Corrêa

EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa

José Sampaio de Mattos Jr

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Luiz Carlos Araújo dos Santos

Marcos Aurélio Saquet

Ana Lucia Abreu Silva

Maria Medianeira de Souza

Ana Lúcia Cunha Duarte

Maria Claudene Barros

Cynthia Carvalho Martins

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Eduardo Aurélio Barros Aguiar

Wilma Peres Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaboradora por Adriana Cabral de O. Ferreira - CRB-13/789

L796a Lobato, João Clímaco, 1817/1881

A virgem da tapera: romance original. / João Clímaco Lobato. Organização de Maria Aparecida Ribeiro; coordenação de Henrique Borralho. São Luís: Editora Uema, 2023.

156 p.

ISBN: 978-85-8227-372-2

1. Literatura maranhense. 2. História do Maranhão.

3. Romances. 4. Crítica literária sec. XIX - Maranhão. I. Ribeiro, Maria Aparecida. II. Borralho, Henrique. III. Título.

CDD 869.3

CDU 82-31(812.1)

INTRODUÇÃO

Maria Aparecida Ribeiro

UM TEXTO DESAPARECIDO

Anunciado como estando no prelo pelo jornal *Publicador Maranhense* de 20 de dezembro de 1861 (nº 290, p. 2), o romance *A Virgem da Tapera*, de João Clímaco Lobato, sairia – segundo o mesmo jornal, de 1 de março de 1862 (nº 49, p. 2), e de acordo com o *Porto Livre: jornal político, comercial e noticioso* de 12 de março de 1862 (nº 33, p.1) — em 1862¹. Nunca mais foi editado, e o exemplar existente

¹ Diz assim, depois de receber o livro, o *Porto Livre* nº 33 de 12 de março de 1862, em sua primeira página: “*A Virgem da Tapera* é mais um botão de olorosa rosa que desabrocha na científica coroa que adorna a fronte

na Biblioteca Benedito Leite (São Luís - Maranhão) – onde achei a ficha que dava notícia de sua existência ali — desapareceu. “Livro aqui encontrou dono!” foi a frase que ouvi do bibliotecário que me atendia².

Mas no livro de tombo do Gabinete Português de Leitura do Maranhão, hoje pertencente à Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) figurava o título *A Virgem da Tapera*, embora o livro não estivesse lá. Continuei a procura, por vinte anos, de um exemplar que fosse, até que a Doutora Gilda Santos veio em meu auxílio nessa busca incessante e encontrou-o na British Library. Com a ajuda de outro amigo, o Dr. Milton Pacheco, obtive a cópia que aqui utilizo, com a devida adaptação à grafia atual, preconizada pelo Acordo Ortográfico de 1990, e as necessárias notas. A esses dois colegas e à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), na pessoa do Doutor José Henrique de Paula Borralho, agradeço poder colocar à disposição do público a presente edição.

já respeitável do seu jovem autor, o Sr. Dr. João Clímaco Lobato, cujo nome de há muito conhecido na república das Letras é a mais sublimada epopeia a seus belos e desejados escritos [...]”, acrescentando que o livro “veio mais aformosear a flórea grinalda do ilustrado gênio maranhense”. Acrescente-se que, antes disso, o mesmo jornal, nas suas páginas 3 e 4 do número 64 de 24 de dezembro de 1862, como que numa publicidade do romance, transcrevia um texto sob o título “A despedida das moças”, em que uma delas prometia à outra, que desejava ler “a história da infeliz Adélia”, o envio da obra.

2 Embora citado na tese de Doutorado de Antonia Pereira de Souza, *A Prosa de Ficção nos Jornais do Maranhão Oitocentista* (UFPB, 2017), o romance *A Virgem da Tapera*, não só por ter desaparecido, mas também pelo próprio caráter do texto da autora, que inclui ainda outros escritores maranhenses e foca a publicação em periódicos, não é explorado.

RAZÕES DE SUCESSO NO SÉCULO XIX

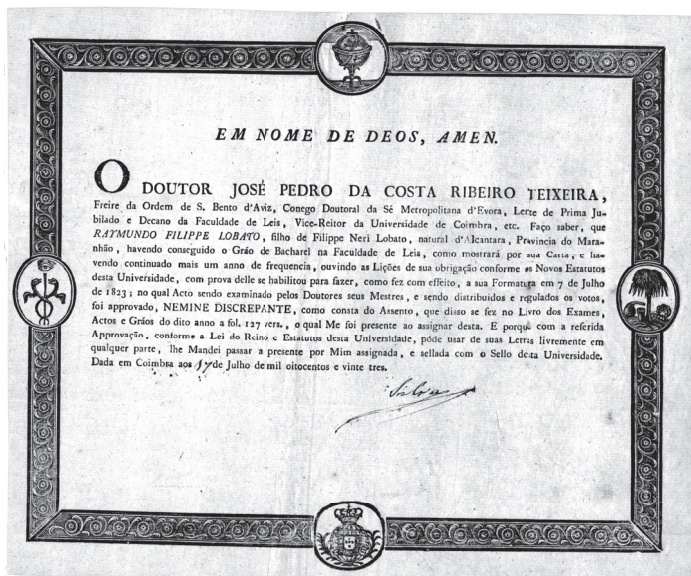
“Cordialmente agradeço a todas as pessoas que se dignaram concorrer para a publicação deste meu romance, e ainda mais àqueles Senhores que quiseram ajudar-me na tarefa de conseguir assinantes, e espero a ocasião em que lhes possa mostrar meu reconhecimento” (LOBATO: *cf. infra* 105).

Tais palavras do autor são um indício de que houve campanha para a edição do livro. Não é de estranhar, portanto, que essa se tenha estendido ao concurso que o colocou em sexto lugar nessa lista dos seis melhores romances proposta por Antônio Martins da Câmara: “1º *A Baronesa do Amor*, do falecido Dr. Joaquim Manuel de Macedo; 2º *Ouro sobre Azul*, do esclarecido Sr. Visconde de Taunay; 3º *Gabriela*, do meu distinto amigo Sr. Dr. J. M. Velho da Silva; 4º *Doutor Benignus*, do falecido poeta Augusto Emílio Zaluar; 5º *A Má Estrela*, do Sr. Comendador Félix Ferreira; 6º *A Virgem da Tapera*, do Sr. Dr. João Clímaco Lobato” (COSIMO:1893, 328). A origem de tal classificação está no “Plebiscito literário” lançado pela revista *Semana* para a escolha dos seis melhores romances em língua portuguesa, fato de que Antônio Martins da Câmara discorda, juntamente com Cosimo, redator de *O Álbum*, a quem dirige sua carta: ambos pensam que a eleição deveria contemplar apenas autores brasileiros, ao invés de unificar no concurso a literatura portuguesa e a brasileira³.

3 Os artigos “Um Plebiscito Literário” foram publicados em *O Álbum*, segunda série, ano I, nº 40, setembro de 1893, p. 319-320, e no nº 41, outubro de 1893, p. 328.

JOÃO CLÍMACO LOBATO E O(S) CAMINHO(S) DO GÓTICO

Patrono da cadeira nº 28 da Academia Sambentuense de Letras, João Clímaco Lobato era filho do juiz de Direito Raimundo Felipe Lobato (* Alcântara, MA, 1798 † maio de 1851), Bacharel em Leis (22/6/1822) e em Cânones (26/7/1822), pela Universidade de Coimbra, Ouvidor na província da Paraíba e Desembargador da Relação no Maranhão.



Diploma de formatura em Leis, de Raimundo Felipe Lobato, pai do escritor João Clímaco, emitido pela Universidade de Coimbra.

O escritor nasceu no Maranhão a 6 de agosto de 1829 e faleceu em novembro de 1897. Foi Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Recife e colaborou em vários jornais maranhenses, sendo autor de oito romances:

As Duas Amadas (1850), um texto indianista;

A Cigarra Brasileira (1853);

O Diabo (1856);

A Vela de Cera (1856);

O Cego d'Ipjuca (1857), que ficou incompleto;

A Virgem da Tapera (1862);

O Rancho do Pai Tomé (1862);

O Belo Sexo (1858);

Mistérios da Vila de São Bento (1862)⁴.

E das peças teatrais:

Maria, a Doida ou A Justiça de Deus (drama);

A Neta do Pescador (drama);

A Mãe d'Água (comédia);

Paranguira (drama);

As Duas Fadas (comédia);

O Diabinho em Meu Quarto (comédia).

O Rancho do Pai Tomé, inspirado em *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe (1852), é o primeiro texto da ficção brasileira a incentivar o inconformismo e a rebelião. Tomando por base um episódio ocorrido no Maranhão

⁴ Republicado em 2012, pela Academia Sambentuense de Letras.

— o assassinato do fazendeiro Bruno Meireles pelo escravo Mateus —, o folhetim, publicado em 17 e 25 de julho de 1862, nos números 48 e 49 do jornal *Porto Livre*, foi proibido pelo chefe de polícia, após o segundo episódio, porque incentivava a rebelião dos negros contra o fazendeiro, encarado como opressor.

A Vela de Cera, editada pela Typografia da Temperança estampada no jornal maranhense *O Constitucional. Folha liberal, Literária e Comercial*, no período de 15 de março de 1856, nº 92, a 2 de abril de 1856, nº 94⁵, como o primeiro dos contos fantásticos a serem nele publicados, passa-se “na rua... da Cidade da Paraíba do Norte, nas ruínas de um edifício, outrora imenso”, onde o entulho “enche um espaço de cento e quarenta palmos quadrados” e que, “pela grossura dos restos dessas paredes, se pode concluir que fora esse edifício um palacete de gigantesco plano, sustentando alguns pesados andares”. Além disso, “mais de um velho, ou velha, ao passar por junto dessas ruínas, se benzem contritos e temerosos”. Nela moram, isolados de tudo e de todos, um holandês que aderiu à causa portuguesa e sua filha Guilhermina, em quem Prael (esse o nome do holandês) concentrava todo seu amor. Um dia, porém, Guilhermina vê Augusto e apaixonam-se um pelo outro. Com apoio de Prael, marcam o casamento. Guilhermina, porém, apresenta permanentemente um sorriso melancólico, o que a espanta a ela própria,

5 O jornal misturou os capítulos do texto de Lobato, talvez por confusão do tipógrafo, uma vez que já estava impresso como livro, forma sob a qual tentou apresentá-lo em suas páginas.

assim como a Augusto. Por isso, assumem um compromisso: o que morrer primeiro irá, “quando bem quiser, exigir do vivo o pacto da morte”. E, quando soava a meia-noite, um tufão de vento glacial encheu a sala – as portas rangeram nos seus gonzos, e a luz de uma lâmpada que estava sobre uma mesa, longe de vacilar, cresceu de volume e difundiu pela sala um clarão avermelhado. E um raio dessa luz, combatendo por muito tempo contra as trevas, se foi esconder e sumir num ângulo da sala, aí formando uma figura disforme, e horrível como o sudário de um defunto. Um mocho atravessou o espaço, enchendo os ares do seu agoureiro piar” (LOBATO, 1856: 4).

É nesse momento que Prael traz aos moços uma terrível notícia: a cidade da Paraíba fora invadida por um mal terrível e novo, ao qual algumas pessoas sucumbiram, achando-se o pai de Augusto “atacado do mal e seus dias em perigo” (LOBATO, 1856: 5). Logo a seguir, os sinos do Convento de São Francisco tocam a defuntos: é o funeral do pai do noivo, que também expira cinco dias depois. E um ano após a morte de Augusto,

Guilhermina, coberta de negro, assim como os cortinados de seu leito, passava os dias em seu quarto, sem derramar uma lágrima, e as noites, sentada numa poltrona junto à janela, ria quando soavam as doze badaladas, de um riso que não era melancólico, mas de “alegria e ventura”, um riso “amedrontador” (LOBATO, 1856: 3).

Durante esse tempo, a moça e seu pai não trocaram uma só palavra.

Certo dia, à meia-noite, o sino do Convento começou a vibrar a defuntos, mas só Guilhermina o ouvia, como

também era a única a ver o cortejo que acompanhava um ataúde. Ao passar por baixo da janela onde estava a moça, a muitos palmos do chão, um vulto vestido de negro abriu o caixão e dele tirou uma vela de cera amarelada. O vulto cresceu e entregou-a à Guilhermina, que, sorrindo, guardou-a no cofre onde estavam suas roupas de noiva.

No dia seguinte, o sol despertou a moça, que acordou sobressaltada, por ser a primeira vez que dormia depois da morte de Augusto. Abrindo o cofre onde guardara a vela, viu suas roupas e jóias reduzidas a cinzas que exalavam um cheiro fétido. Sobre elas, um pergaminho onde, em letras estranhas e desusadas, leu: “Lembra-te do pacto da morte!”

Vê-se por tal enredo que o texto contém elementos do fantástico bem próximos daqueles que caracterizam os do romance negro, gótico ou de terror, pois como diz Maria Leonor Machado de Sousa o fantástico é “a perturbação do mundo quotidiano pela introdução de elementos extraordinários [...] e de cariz negativo tanto na essência como na intervenção” (SOUSA, 2002: v.2, p. 468). Assim sendo, *A Vela de Cera* pode ser considerada não só uma afirmação do gosto de João Clímaco pelo que é assombroso, no sentido negativo, mas também como um vestibular para a criação de *A Virgem da Tapera*, uma vez que uma das razões de sucesso desse romance — e talvez a principal — seja o fato de conter elementos do negro, do gótico⁶ ou de terror,

6 Segundo o *Dictionary of Literature*, 1995, p. 92-93, “a type of novel that was enormously popular in the late 19th century, combining elements of the supernatural, macabre or fantastic, often in wildly Radcliffe settings,

o que torna o texto bastante original na produção literária brasileira, já que o gótico sofreu uma espécie de sequestro (para usar uma expressão de Júlio França, que, por sua vez, vai buscá-la em Haroldo de Campos) no Brasil de XIX, empenhados que estavam os escritores em imprimir cor local ao que escreviam, como fizeram José de Alencar, Gonçalves Dias e tantos outros, para afirmar nossa independência também cultural.

e.g., ruined abbeys or ancient castles. The heroes and/or heroines, whether medieval or modern, for the most part speak in a formal, stilted language, curiously at odds (for the modern reader) with the appalling situations they find themselves in.” Isto é: “um tipo de romance que foi extremamente popular no final do século 19, combinando elementos do sobrenatural, macabro ou fantástico, muitas vezes em cenários selvagens de Radcliffe, por exemplo, abadias em ruínas ou castelos antigos. Os heróis e/ou heroínas, sejam medievais ou modernos, na maioria das vezes falam uma linguagem formal e afetada, curiosamente em desacordo (para o leitor moderno) com as situações terríveis em que se encontram.” (tradução nossa). Ou, de acordo com (OUSBY, 1994, 179): “Gothic fiction. A type of novel or romance popular in the late 18th and early 19th century. The word gothic had come to mean wild, barbarous and crude qualities which writers an attractive to cultivate in reaction against the sedate neoclassicism of earlier 18th century culture. Gothic novels were usually set in the past (most often the medieval past) and in the foreign countries (particularly the Catholic countries of Southern Europe); they took place in monasteries, castles, dungeons and mountainous landscapes. The plots hinged on suspense and mystery, involving the fantastic and the supernatural.” Isto é: Ficção gótica. Um tipo de romance popular no final do século 18 e início do século 19. A palavra gótico passou a significar qualidades selvagens, bárbaras e brutas pelas quais os escritores são atraídos a fim de cultivar uma reação ao neoclacissismo calmo da cultura do início do século 18. Os romances góticos geralmente se passavam no passado (na maioria das vezes no passado medieval) e nos países estrangeiros (particularmente os países católicos do sul da Europa); ocorreram em mosteiros, castelos, masmorras e paisagens montanhosas. As tramas giravam em torno do suspense e do mistério, envolvendo o fantástico e o sobrenatural.”

Como lembra Maria Leonor Machado de Sousa, entre os elementos fundamentais do romance gótico, está o mistério (SOUSA, 1978: 51), pois, ao empregá-lo, o romancista acaba por despertar o terror, sendo de grande auxílio o de caráter sobrenatural. Ora, vista como um fantasma, uma assombração, numa casa em ruínas, a personagem Virgínia de *A Virgem da Tapera* é encarada como elemento do sobrenatural, não só por Álvaro como também pelo leitor. (Aliás, Maria Leonor lembra que “no gótico inicial” há o “sobrenatural explicado”, isto é, “acontecimentos cujas circunstâncias levem os espíritos crédulos e não esclarecidos a considerá-los sobrenaturais”, mas que “afinal são explicados como absolutamente normais” (SOUSA: 1978, 51)). Repare-se que Virgínia tem a sua loucura (e os loucos — angélicos e criminosos — frequentam o romance gótico) explicada pelo trauma que teve de enfrentar: a ruína de seus pais. Além disso, ela também encarna o espectro, outro elemento fundamental do gótico, e a poetização da alma penada, que se observa à medida que o Romantismo avança e o “choque arrepiante dá lugar a uma suave melancolia” (SOUSA: 1978, 51): veja-se que ela canta, falando com a mãe já falecida e implorando a morte, por “viver em terra mesquinha” (cf. *infra* p. 105).

Outro elemento do gótico é a tapera, casa em ruínas que substitui, com um elemento tropical, o castelo do gótico europeu. E além da tapera, o caititu.

Lembra Júlio França que

As questões humanas, culturais e políticas relacionadas ao escravismo funcionaram como moldura e motivo para nar-

rativas que exploravam o terror e a violência produzidos pelo racismo e pela estrutura social escravocrata. A narrativa gótica foi capaz tanto de figurar os preconceitos raciais da sociedade, quanto de servir de arcabouço narrativo para expressar os horrores do escravismo. Um exemplo expressivo pode ser encontrado nas novelas *Vítimas Algozes: quadros da escravidão* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo, panfleto abolicionista cuja retórica narrativa explora a tese de que a escravidão cria monstros. (FRANÇA.; 2017: 119)

Embora Macedo fosse partidário da causa abolicionista e João Clímaco Lobato procurasse incentivar a rebeldia quando escreveu o seu *A Cabana do Pai Tomé*, cuja publicação foi interrompida pela censura, o maranhense não segue o caminho mencionado por Júlio França. É verdade que a personagem Sio (Vitoriana) lembra que foi trazida da Guiné, o que frustrou seus sonhos de casamento. No entanto, não há sentimento de revolta e ela serve ao Comendador Fernando a ponto de este lhe conceder a alforria. Com a morte de Fernando e de sua mulher, Sio continua a servir e a proteger Virgínia, filha do Comendador. E, se há alguém mau, responsável pela decadência econômica de Fernando e por todas as consequências disso, é outro branco: o pai de Álvaro.

Os únicos horrores narrados dizem respeito à escravização de índios: Dorocauana e Guatiana, que têm seu sonho de amor interrompido por um João Moraes, que incendeia a taba e leva Guatiana para a capital, onde é vendida a um senhor que nela satisfaz seus instintos. Rodrigo, esse o nome do senhor, depois de muito açoitá-la os dois índios, que acabam por morrer, também expira. Antes, porém, faz um pacto

com o Demônio. E aí se introduz o elemento gótico: cada elemento da família do morto dá origem a um novo fantasma.

Diga-se que o Comendador Fernando, pai de Virgínia e que tudo perde para um outro branco, é o último descendente de Rodrigo. Vê-se, assim, que os elementos do gótico inseridos no texto de *A Virgem da Tapera* não dizem respeito ao racismo com relação aos negros e nem mesmo aos índios; antes são fruto das próprias crenças e maldades dos brancos.

Ainda de chamar a atenção é um traço de João Clímaco Lobato, talvez porque o problema e as conquistas da educação feminina sejam assuntos bastante encontrados no século XIX, quer na literatura⁷ quer na pintura: o autor maranhense dirige-se sempre à leitora, nunca ao leitor ou aos leitores. E como se o público feminino pudesse ser pouco atento ou pouco inteligente, Lobato faz questão de recapitular trechos, como até hoje fazem alguns cordelistas com seu público, para que as senhoras não percam o fio da leitura: “A continuação do nosso romance no-lo dirá; se é que a perspicaz leitora ainda não adivinhou o mistério que envolve essas duas personagens, quiçá mais importantes do nosso romance.” (cf. *infra*, p. 90). Ou: “Se assim ainda não aconteceu, tenha paciência e leia as páginas seguintes.” (cf. *infra*, p. 90). Ou: “Daqui compreenderá a leitora que se tratava de nada menos que incendiar a casa da tapera, e para o que já se preparavam os fachos.” (cf. *infra*, p. 131). Ou ainda:

Consinta a leitora que retrogrademos neste ponto de nos-

7 O artigo de Silvana Lopes Rodrigues (2011) “Retratos” de Mulheres na Literatura Brasileira do século XIX, apresenta inúmeros exemplos.

sa narrativa, para explicarmos fatos dos quais ainda não demos os menores esclarecimentos, e que ela tem direito de exigir.

Lembramos-lhe a cena passada na clareira entre Álvaro, e mãe *Sio*; pedimos que se recorde que sabendo aquele que o negociante sem fé, o homem perverso, o traidor amigo, que havia sepultado o Comendador Fernando e sua família na desgraça, e morte, era seu pai, fugira espavorido, porém ainda a seus ouvidos chegara a maldição que *Sio* lançava sobre ele.” (cf. *infra*, p. 131)

Desaparecido de todas as bibliotecas do Brasil, e por isso jamais comentado em teses, dissertações e livros, o romance que agora se publica é, na realidade, o primeiro exemplo da presença do gótico no romance brasileiro. Diga-se que, além de ser o único exemplar existente, o livro encontrado na British Library ainda estava com as páginas por abrir. Tal fato torna muito pertinente a observação de Luís Costa Lima:

Pensar que *A Menina Morta* é de 1954 é de difícil entendimento, pela absoluta falta de contato que o romance mostra com a produção imediatamente anterior. Se formos então adeptos de uma teoria do desvio, atualmente difundida pelo conhecimento retardado dos formalistas russos, deveremos tomar Cornélio como o raro epígono de alguma corrente precedente do romance gótico talvez, misturado a Camilo Castelo Branco. (LIMA, 1976: 56)

É verdade que Álvares de Azevedo pode ser apontado como um dos cultores do gótico, pelos seus vários textos marcados por elementos desse filão. Não são, porém, romances, mas poemas (*Lira dos Vinte Anos*) e contos (*A Noite na Taverna*, publicado em 1855, dois anos após a sua

morte). Ora isso torna *A Virgem da Tapera* o romance pioneiro no gênero.

Por último, convém assinalar um traço do Português de Lobato: para além dos regionalismos e brasileirismos, ele emprega expressões, talvez usuais no Maranhão de sua época ou utilizados por seu pai, ex-estudante de Coimbra, pertencentes à língua falada em Portugal do século XIX.

CRITÉRIOS DA PRESENTE EDIÇÃO

João Clímaco Lobato faz, no final de seu romance, a seguinte ressalva: “Alguns erros tipográficos, apesar dos cuidados do hábil revisor, encontram-se no presente romance, porém sendo de fácil correção, deixamos de dar uma errata” (cf. *infra*: p. 102). Assim sendo, torna-se importante esclarecer que, na presente edição: procurou-se corrigir tais erros; atualizou-se a grafia, consoante o que reza o Acordo Ortográfico de 1990; alterou-se a pontuação em momentos em que a mesma representava um erro tipográfico ou uma situação de compreensão difícil; desfez-se a elisão em *minh’alma*, *d’angélica*, *d’Adélia* etc., escrevendo-se *minha alma*, *de angélica*, *de Adélia*; colocaram-se notas, quando foi preciso explicar um termo ou uma mudança; as páginas das citações correspondem às da presente edição; as referências bibliográficas desta Introdução e as das notas de rodapé figuram no final do livro.

À ILMA. SENHORA D.

MARIA FIRMINA DOS REIS

(AUTORA DO ROMANCE BRASILEIRO ÚRSULA)

O. D. e C.

João Clímaco Lobato

Senhora

“Naturalmente melancólica, minh'alma só ama os quadros tocantes, e sentimentais¹: meu coração ainda não compreendeu o prazer, essa fibra secreta do meu peito ainda não estremeceu; tudo quanto emanar de mim há de ser sempre envolvido no manto melancólico e triste do sentimentalismo”, me dissestes um dia. Oh! Deus vos fadou uma alma poeta; um coração inspirado colocou Ele no vosso peito. Eu vos invejo.

Isto seria bastante para parar a minha ousadia, para me fazer retrogradar do meu projeto, para envergonha-me de vos oferecer, a vós, Senhora, a minha débil composição.

Mas por que vo-la ofereço?

1 O autor tem como característica pontuar sempre que há uma conjunção aditiva, ainda que seja acrescentado apenas um único elemento à enumeração. Como se trata de um traço de estilo, será mantido sempre que ocorrer.

Não sabeis?

Oh! É porque com desvanecimento aceitei o título de irmão que me destes, é porque me orgulho dele; e o orgulho é uma paixão que cega.

Procurei tornar-vos, tanto quanto pude, agradável o mimo que vos oferto. Tendes Adélia, tendes Virgínia, minha mais querida filha; escolhi entre elas a que tiver sentimentos tão puros, tão meigos, e melancólicos como de vossa alma; e, qualquer que seja vossa escolha, contentar-me-á. Tomai sob vossa proteção essas duas jovens ingênuas, que eu, pai desapiedado, lanço aí no turbilhão do mundo: acolhei-as com maternal amor, e carinho que só vós sabeis dispensar. Para vós exclusivamente escrevi este romance, recebi-o como uma oferta, ainda que sem valia, de quem tanto vos admira.

J.C. Lobato

A VIRGEM DA TAPERA

I

A VISÃO

Era uma noite horrorosa do mês de abril² do ano de 185.... A chuva caía em torrentes – um véu negro enlutava o céu, não deixando transparecer a luz de uma só estrela: os elementos lutavam desencadeados uns contra os outros. Um tufão varria o cimo da árvores, entrechocando suas franças, desfolhando-as, e fazendo voltear em remoinho no ar as folhas que arrancava, antes de com elas juncar a terra, rugindo pavoroso na floresta.

² Será sempre incluída, na presente transcrição, a vogal suprimida por elisão. Esta era um traço presente em Portugal e, certamente em algumas partes do Brasil, no século XIX.

O trovão ribombava com fragor nas cavidades das montanhas, cujo eco repercutia seu estampido nas mais profundas cavernas.

Os amiudados raios esclarecendo momentaneamente o espaço com sua luz fugaz e pálida ainda mais negrejavam as trevas que depois envolviam a terra. Árvores pelos séculos respeitadas, desenraizadas pelo tufão, eram prostradas por terra, caindo com ruído, como o colosso armado de ferro, que ferido de morte se roja no pó.

O rio Itapecuru³, engrossado em sua corrente pelos regatos, agora caudalosos, que nele iam desaguar, bramia irado, rolando em suas águas gigantescas árvores que no seu transbordamento havia arreatado.

O cataclismo havia chegado ao seu auge.

Um raio iluminou o rio, e um trovão estalou com força; uma voz, porém, sobrepujando a todo esse ruído, exclamou:

- A Virgem seja conosco! Avante! Avante!
- Encostemos em terra...
- Avante! Rema! Rema...
- É rematada loucura...
- Ganhais o meu dinheiro! Rema!

Um outro raio iluminou o espaço, e então à sua luz se

3 O autor grafá Itapicuru. Como, porém, o espaço do romance é o Maranhão, utilizamos a grafia Itapecuru, pois foi lá que existiu a Vila de Itapecuru Mirim, desmembrada de São Luís e criada por provisão régia de 20 de outubro de 1818. Por outro lado, a grafia ora adotada não deixa confundir o rio maranhense com o que corre no Norte do Estado da Bahia, onde também existe um rio denominado Itapicuru Mirim.

pode distinguir uma pequena canoa, tripulada por quatro pessoas que se curvavam com desespero sobre os remos.

À popa, um mancebo segurava com mão firme e vigorosa o cabo do timão. Seu rosto estava pálido, e seus cabelos ensopados pela chuva se colavam nos ombros e fontes. Poderia contar 26 anos e, quanto se lhe podia conhecer, seu rosto era belo, sua testa espaçosa, circundada por longos cabelos. Seus olhos eram negros, vivos e fundos, sombreados por sobrancelhas da cor dos cabelos; seu nariz direito, lábios finos, cobertos por finos bigodes da cor dos olhos, indicavam resolução, força e coragem. Estava envolvido em um grande casacão de grossa tela, que porém já não o resguardava da chuva, que tanta era. Seu chapéu de palha do Chile ele o tinha lançado no fundo da canoa, onde seu pé batia com impaciência. De vez em quando se levantava com impetuosidade, querendo à luz do raio conhecer a paragem onde estava.

Eram porém baldados esforços.

– Rema! – clamou ele – É preciso que hoje mesmo chegue à vila do Itapecuru Mirim.

– Ah! Patrão! Nem que fôssemos outros tantos... O rio corre muito...

– Dobro o salário...

– Faremos o que pudermos... Mas duvido... O repiquete está muito forte... Não vedes que grandes árvores traz consigo?...

– Cuidado! Olha pau! – bradou o proeiro.

– Tudo à direita... À direita tudo.

Era tempo.

Por mais um minuto de demora na maréação da canoa, feito era dela, e dos que levava, porquanto um enorme madeiro impetuosamente arrastado pela corrente vinha direito à proa da canoa, que infalivelmente teria submergido, se a tanto a tempo não o evitassem.

– Vedes, patrão?... Abiquemos.

– Avante! Rema! – bradou o corajoso mancebo.

A tripulação dobrou-se sobre os remos, cujas pás roncaram n'água. A canoa, porém, pouco avançou.

– Avante que a Virgem é conosco!

Um raio fulminou uma árvore à beira do rio, cujos galhos foram arrojados longe, caindo uns na canoa e indo um deles bater na face do mancebo, que, atordoado um momento pela pancada, largou o cabo do timão, que tão firmemente segurava. A canoa, livre então desse freio, como um fogoso ginete, fez um pião sobre o leme, e, com a rapidez de um raio, tomou direção oposta à que levava, e deslizou velozmente sobre as águas.

Passado o primeiro abalo, o mancebo apoderou-se novamente do timão, e fez, não sem custo, a canoa retomar a direção primitiva... Mas ai! Tinham desandado em minutos o caminho em que gastaram horas.

– Ah! Isto só pelo...

O ribombo⁴ de um trovão interrompeu a exclamação do mancebo.

– Patrão, é teimar de balde...

4 Na edição original, ora é usado o substantivo rebombo ora ribombo; ora o verbo rebombar ora ribombar. Uniformizou-se a grafia, usando sempre ribombo e ribombar.

– Ainda um último esforço... Depois veremos...

A noite negrejava ainda mais, a chuva caía com impetuosidade, açoitando os rostos daqueles que assim ousavam desafiá-la. Os raios se amiudavam, e o trovão ribombava continuamente.

Era digno de ver-se esses cinco homens corajosos, em uma fraca canoa, desafiando e lutando com o furor dos elementos desencadeados; e vistos à luz enxofrada do raio pareciam seres diabólicos revolvendo-se no fogo do inferno, pois que nesses momentos o rio ficava como que inflamado.

A tripulação da canoa fez um esforço desesperado, porém aquela ficou imóvel: muito já era conservá-la parada no meio da corrente.

– Oh! Meu Deus! Meu Deus! – exclamou o mancebo com desespero e desânimo.

– Bem vedes, patrão... É impossível...

– Ainda um último esforço.

Lutaram ainda por meia hora, porém sem avançarem uma só braça. O cansaço já se apoderava dos braços, e os remos cortavam as águas sem força.

O mancebo conheceu o estado da tripulação, conheceu que loucura seria, e imprudência, querer por mais tempo lutar com tão potentes inimigos.

A chuva, que caía em torrentes, enchia a canoa, tanto que era mister ter uma pessoa ocupada em esgotá-la, a qual sendo tirada dos remeiros, vinha a faltar um, ficando unicamente três. O resoluto mancebo tomou o remo que deixara o esgotador, e governando ajudava remando aos homens

nisso empregados.

Tanto maior foi o desespero e afã com que se entregou a esse duplo trabalho, tanto maior e mais rápido foi o cansaço.

Este jovem de férrea vontade devia enfim curvar-se ante as circunstâncias; devia reconhecer que ao homem não é dado lutar com a natureza, e muito principalmente quando esta, transtormando a sua marcha, se desencadeia com fúria contra os homens.

– À terra! À terra! – bradou ele com voz extenuada.

– À terra! À terra! – exclamou a tripulação.

E, com não pequena dificuldade, conseguiram aportar à beira do rio, que cada vez mais engrossava suas águas.

O lugar em que aportaram era uma praia barrenta, e es-corregadia pelas chuvas.

Nenhumas árvores a abrigavam.

Era uma chapada de centenas de braças de extensão, que em brando declive vinha beijar as águas do rio. Tanto quanto a vista, em noite tal, podia abranger, continuava a chapada. Em outra noite que não essa, quando a lua mostrasse no firmamento todo o seu belo globo de prata, por sem dúvida que seria um belo e aprazível lugar. Mas agora afeiado pelas trevas que o envolviam não oferecia aprazibilidade nenhuma ao fatigado viajor.

Apenas a canoa abicou em terra, o impaciente mancebo saltou com aquela agilidade que o terreno permitia.

– E agora! Estamos em uma chapada, em que não acharemos uma árvore sob a qual nos abriguemos... Não sei se era melhor prosseguirmos... Nada lucramos... Teremos que

esperar a pé quedo que este mau tempo passe... E só Deus sabe quando passará...

– Contudo, patrão, não haverá o risco de irmos morar com os jacarés.

– Não haverá por aqui uma casa ou palhoça?

– Estamos em uma tapera... E, há tempos, por aqui passei, e vi ainda em pé a antiga casa da fazenda... Ela era nesta direção – disse o homem a quem muitas vezes se tinha dirigido o mancebo, indicando o centro.

– Então ide adiante!

*Tapera*⁵, em língua brasílica, significa: *lugar ou situação abandonada*; e nas ribeiras do Itapecuru, antigamente empório da lavoura da Província, por conseguinte também da riqueza, hoje se encontram muitas *taperas*.

A rebelião de 1839⁶, em que indivíduos de nenhuma educação, e, o que mais parece incrível, alguns dos quais não sabiam ler, e nem escrever, se constituindo chefes de vários bandos, concitando-os à revolta, reunindo considerável número de sequazes, assolavam os campos e povoados com incêndio devorador, foi o primeiro golpe que sofreu a lavoura das margens do Itapecuru; e ainda mais havendo um tal Cos-

5 Apesar de já haver utilizado o termo anteriormente, só agora o autor diz o que significa e o coloca em itálico.

6 O autor refere-se à Balaiada (1838-1841), que recebeu esse nome devido à alcunha (Balaio) de um de seus principais líderes, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, que fazia cestos (cf. VIANNA, 1970, v. II, p.118 e BANDECCHI, Brasil *et alii*, 1970, p.70). Além desses: JANOTTI, Maria de Lourdes, *Balaiada: construção da memória histórica*. São Paulo: História, UNESP, v. 24, n.1, 2005, p. 41 a 76.

me, negro audaz que se evadira da prisão, sublevado os das fazendas, viram-se os Lavradores, para salvarem suas vidas e de suas famílias, obrigados a refugiar-se na Capital, abandonando seus estabelecimentos agrícolas à mercê de tais sicários. Quando, depois da anistia de 22 de agosto de 1840, se pacificou a rebelião, que assim tão desapiedadamente assolara o interior da bela província do Maranhão⁷, os estragos que esta causara foram para sempre irreparáveis. Alguns lavradores se viram obrigados por falta de braços a venderem seus estabelecimentos e buscarem um outro meio de vida. Depois o fabuloso preço a que chegaram os escravos de 1850 para cá veio a dar o último golpe na já decadente lavoura do Itapecuru, porquanto alguns lavradores, engodados por esses preços, venderam os seus, abandonando suas fazendas, para as quais não achavam compradores, por isso que muitos seguiram tão pernicioso exemplo; e as margens do Itapecuru, então florescentes, tornaram-se tristes e abandonadas.

A cada passo ao viajor assinalam uma *tapera*, vendo-se em algumas ótimas casas de moradia acessórios de lavoura desprezados, porque seus donos não os puderam vender.

Confrange-se-nos o coração todas as vezes que visitamos um lugar outrora cheio de vida, animação e riquezas, onde o pé humano calcava diariamente o solo, e que agora jaz inculto, silencioso e triste. E esse sentimento o sentimos duplicadamente quando viajamos pelo rio Itapecuru.

O vulgo povoa sempre as *taperas* de seres sobre-humanos,

7 A província chamou-se do Maranhão e Grão-Pará até 1774.

de larvas, que em horas mortas da noite vêm sobre a terra purgar os seus pecados... Mas ordinariamente o vulgo descobre um primeiro fazendeiro, que fora um homem cruel e mau, que sob o azorrague matava seus escravos, para fazer sua alma vagar durante a noite naqueles mesmos lugares que foram o teatro de suas barbaridades; então, ai daquele que com elas se encontra no momento de sua peregrinação! O estupor fulmina-lhe o corpo, e sua alma para sempre está perdida.

Nas *taperas* habitam silfos, duendes, vampiros, gnomos e não sei que mais legião de espíritos e seres diabólicos ou celestiais, visíveis, e invisíveis, maléficos e bondosos; e o certo é que pouca gente ousa passar por um tal lugar depois de posto o sol.

Como dissemos, o mancebo e a gente da canoa se pôs a caminho, seguindo o que se encarregara de os conduzir à antiga casa da fazenda. Depois de algum tempo de uma marcha penível de um terreno lodoso e escorregadio, e por uma noite como essa, chegaram à beira do mato; este, porém, ainda que baixo, era tão cerrado, cipós de todas as espécies se entrelaçavam de tal maneira nos troncos, e ramos das árvores, que muito dificultavam o andar.

O mancebo puxou de um terçado, e o entregou ao guia, que com ele ia abrindo com dificuldade um estreito caminho por meio do matagal.

Um raio sulcou o espaço e à sua luz puderam os viajantes distinguir, por entre as franças das árvores, o teto de uma casa.

– Ei-la! A casa! – bradaram todos com alegria.

Então, mais animados, dois outros homens, armados de seus terçados, se apressaram em ajudar o guia, abrindo uma passagem mais larga, para assim facilitar o caminho não só ao que trazia a bagagem do mancebo, como de seus companheiros.

Ao cabo de meia hora de constante trabalho, viram repentinamente, à luz do raio, junto deles, uma casa assobradada.

Os homens, ao chegarem ao limiar de sua porta, recuaram.

– Então? – perguntou o mancebo.

– Esperai, patrão, não se entra assim repentinamente na casa duma tapera... Vejo aqui ao lado um telheiro... Era por certo a estrebaria... Recolhamo-nos antes nele...

– Mas se temos uma casa, por que havemos de ir para a estrebaria?

– Mas, patrão, esta casa é a de uma tapera, e sabe Deus quem nela habita a estas horas!

– Pois vos digo eu que quero para lá ir...

– Ide, ninguém vos impede. Nós só entraremos depois de vós.

– Bem. Dai-me a isca, fuzil e pedreneira.

O homem que trazia a mala do mancebo a abriu e lhe deu os objetos pedidos.

O mancebo entrou resolutamente na casa: penetrou primeiro em uma varanda, e tendo, à luz do raio, visto uma porta à sua direita, para esta se dirigiu, e achou-se em um espaçoso quarto; então começou a servir-se da pedreneira e fuzil, e uma centelha caiu por acaso em umas palhas que estavam no quarto e estas se incendiaram. O mancebo se

apressou em reunir o maior número de palha que pode, a fim de alimentar o fogo.

Os homens da tripulação, vendo a luz na casa, se apressaram em recolher-se a ela, e aí empregaram todos os meios para manter o fogo aceso. Um deles foi buscar uma porção de terra molhada que espalhou sobre o sobrado, e aí acenderam uma grande fogueira, tendo para esse fim rachado uma velha janela.

O mancebo, depois de ter mudado de roupa, munido de um tição, começou a percorrer a casa, visitando vários quartos mais ou menos arruinados: concluída sua inspeção, voltou para onde estavam seus companheiros. Mandou acender uma fogueira no quarto imediato por causa da umidade que nele reinava. Aí armou sua rede e em breve entregou-se ao mais profundo sono.

Feliz é a idade em que não há pesares nem fadigas que afugentem o sono das pálpebras do homem!

O mancebo foi embalado pelo mais encantador sonho.

Via em pé, junto à sua rede, uma jovem de extremada beleza, trajando alvas e roçagantes roupas, coroada por uma auréola divinal, e que com voz de anjo entoava uma canção celeste. Atraído, arrebatado pelos acentos de sua voz, entreabriu as pálpebras e, à vacilante luz da fogueira, viu realizado o seu sonho.

Temendo então que tão fagueira visão desaparecesse com o despertar, de novo fechou os olhos, e distintamente ouviu as palavras da canção do fantasma.

Sobre mim, ó mãe, um olhar

Lança da diva mansão,
Que vivo na terra mesquinha,
Sempre triste, em solidão!

Ó mãe! Ao Ente celeste
Pra mim implora compaixão;
Que vivo na terra mesquinha,
Sempre triste, em solidão!

Minha mãe, da Virgem implora
Pra mim santa proteção:
Que vivo na terra mesquinha,
Sempre triste, em solidão!

Brevemente, ó mãe, me leva
Para a etérea região:
Que vivo na terra mesquinha,
Sempre triste, em solidão!

O mancebo, embriagado pela magia dessa voz, ainda se conservou de olhos fechados, ouvidos atentos para apanhar no ar as menores vibrações dessa voz harmoniosa, e terna, terna, terna como o soluçar da gota de orvalho nas pétalas de flor mimosa: e assim aguardou alguns instantes, e quando a última modulação, repetida de eco em eco, foi morrendo, acabando, como acaba e morre o respirar do agonizante, abriu os olhos e viu – viu – bem visto, uma jovem de angélica beleza, trajando as vestes da candura, que o olhava meigamente. De um pulo saiu da rede e quis prender em seus braços a arrebatadora sílfide, que ante seus olhos tinha; porém a mulher, anjo ou fantasma, sorrindo-se, escorregou

entre os braços do feroso jovem, e deslizou rapidamente pelo sobrado, e internou-se no quartos da casa.

O viajante com afã a seguiu... E por mais de uma vez esteve prestes a segurá-la, mas no momento em que estendia o braço, o fantasma lhe fugia das mãos como se tivesse tentado agarrar uma sombra, sempre porém sorrindo, e meigamente o encarando.

Depois de ter percorrido em seu seguimento alguns quartos, chegou em um onde se abria uma escada, por onde desceu, ou antes brandamente se deslizou o fantasma, e foi perder-se na escuridão que reinava em baixo.

– Vem! Vem! – exclamou o mancebo.

– Vem! Vem! – repetiram os ecos.

Em vão esperou aquele que sua súplica fosse ouvida.

E o dia que vinha raiando foi despertá-lo desse estado de expectativa.

Retrocedeu os quartos que tinha andado, e foi despertar os remeiros, que todos dormiam profundamente.

Daí a meia hora estavam todos embarcados, e seguiam sua viagem; o mancebo, porém, ia meditabundo e distraído, a tal ponto que foi mister muitas vezes o avisarem para não encalharem em terra.

O afã que tão grande mostrara na véspera de querer chegar à vila de Itapecuru Mirim havia desaparecido, e não mais apressou os remeiros, e nem conheceu que havia momentos em que deixavam de remar, e olhando-o se entretinham a respeito.

– O patrão viu alguma cousa! – disse um.

- Olé se viu! – reflexionou outro.
- Rema! – disse o capataz.

II

ADÉLIA

O mancebo que vimos viajando pelo rio Itapecuru e de quem até agora não sabemos o nome era filho de Guido, rico comerciante da capital, e que possuía uma fazenda próximo à Vila do Itapecuru-Mirim, da qual era administrador e para onde se dirigia; chamava-se Álvaro.

Era dotado de um generoso coração, de alma magnânima e benfeitora.

De imaginação exaltada e ardente, tudo quanto era belo, tudo quanto era grande, tudo quanto era poético o arrebatava. Vivamente impressionável, suas paixões eram fundas e duradouras. Sua fértil inteligência revestia de adornos, que na maior parte das vezes faltavam ao objeto da sua paixão, ou do seu afeto.

Benquisto na sociedade por suas maneiras francas, sinceras e delicadas, entretinha relações com as mais gradas famílias de Itapecuru-Mirim.

Entre todas, frequentava com assiduidade a casa do Sr. Ernesto Guedes, cuja filha, jovem encantadora, lhe tinha prendido o coração.

Adélia, donzela de 18 anos, viva, espirituosa, alegre às vezes, e às vezes merencória e triste, bela e encantadora, era bem digna de inspirar amor no coração do jovem Álvaro; e a família da primeira já entrevia um próximo casamento para esta, pois Álvaro demonstrava ser este o seu desejo; e as cousas tinham chegado a tal ponto que por todos já era esperado o breve consórcio.

Álvaro quase que já era considerado como da família, pois em todas as festividades acompanhava a de Gomes, e tinha em sua casa uma liberdade completa, que porém não excedia os limites da decência.

Adélia, cândida, pura e inocente, acalentava seu amor e suas esperanças com fagueiros sonhos, que a imaginação de uma virgem cria. Era de mediana estatura e delicada.

Seu rosto oval, alvo, de jaspe levemente tinto de carmim, encerrava encantos do céu. Sua boca breve e perfumada era um cofre de graças quando se abria para mostrar um renque de pérolas engastadas em rubis. Sua cabeleira loura, basta e anelada, caía sobre os ombros em encantador desleixo. A cintura delgada e branda se prestava ao seu andar de sílfide, e ondulava graciosa como o pescoço da garça.

As cores favoritas para os seus vestidos eram o branco, e o preto.

Quando trajava as cores da candura, parecia um anjo celeste, uma visão, uma forma vaporosa e impalpável.

Quando seu traje era sombrio, parecia a estátua da melancolia que errava entre os homens.

No primeiro trajar eram os risos e as graças.

No segundo, o sublime e poético!

Agora, imagine a leitora que sendo Álvaro dotado do caráter que acabamos de pintar, com que santo, veemente, profundo e grandioso amor devia ele amar essa cândida donzela, que tanto imperava no seu coração.

Álvaro, vivamente impressionado, chegou no dia seguinte à vila do Itapecuru-Mirim, e, longe de, pressuroso, correr à casa de Gomes, como soía, procurou milhões de pretextos para consigo mesmo poder explicar a razão por que assim obra, para passar o resto do dia sem procurar Adélia.

A casa de Gomes não era sita no núcleo da vila, mas na extremidade de uma rua que corre quase paralela ao rio, deitando fundos para este.

E porque o terreno fosse em declive, e composto de giz, a corrente do rio o socavara a tal ponto que Gomes se viu obrigado, para preservar sua casa da ruína, a levantar à beira-rio um pavilhão de vinte pés de alto, entulhando o espaço entre este e a casa, formando assim um terrapleno.

O gosto, ou antes, a paixão que tinha Adélia pelas flores obrigou seu pai a mandar levantar no fim do terrapleno, isto é, na proximidade do paredão, alguns canteiros onde a

donzela plantava variedades de flores, que ela mesma regava, e tratava.

Aí a fantasia da jovem improvisou um caramanchão, cujo teto era formado por jasmineiros, e onde ela passava horas em contemplação da vidente natureza brasílica, ao cair do sol, em frescas tardes de verão, e ao levantar da lua, ou cosendo, ou lendo.

Nesses momentos, então, a imaginação da jovem, desligando-se inteiramente da terra, voava por essas regiões aéreas, e desconhecidas; sonhava com seres divinais, com anjos, dos quais julgava-se irmã, e via-se entre eles partilhando suas alegrias.

Nesses momentos, amava a Álvaro não com o amor mundano, não como se ama ao homem, mas sim como a um ser celeste e divinal: e o seu premeditado casamento na terra não era mais do que a reunião de duas almas em lugar de infáveis delícias... e alegrias celestiais.

Oh! Era uma alma verdadeiramente poética que esvoaçava no mundo ou uma alma para quem a terra nada oferecia de gozos, que aspirava voar para a mansão celeste?

Para quem subia o rio era esse jardim o primeiro ponto que descobria da Vila; era como um farol que guiava o viajante.

Dele se gozava o mais belo painel possível.

Elevado, como dissemos, oferecia ao espectador a possibilidade de ver o rio em suas imensas voltas, ora como uma fita de prata cortando uma verde campina, ora como uma imensa cobra sibilante, que se enrosca, se estende e revolve-se sobre si mesma.

Mais além era um horizonte de verduras que ia-se transformando em verde acinzentado até acabar no límpido azul da atmosfera brasileira.

À esquerda, continuava o rio, que vai até a cidade de Caxias⁸, hoje rica, comerciante e populosa, sulcado por infindas canoas, balsas, gabarras, e vapores.

Ao cair da tarde, o sol no ocaso doirava com luzes fantásticas as franças da árvores.

Era um Éden na terra.

Havendo sido D. Teodora, mãe de Adélia, educada em França, onde aprendera a tocar com perfeição harpa, bem como outras prendas, à sua filha ensinou essas prendas, que, ajudadas pelo bom gosto da discípula, esta bem depressa tornou-se superior à mestra.

Adélia sabia falar e traduzir com perfeição a língua francesa, o que lhe facilitou o estudo dos melhores poetas, a cuja leitura se entregava ela com tal frenesi e arrebatamento, que muitas vezes casou sérios cuidados a seu pai, que com brandura a repreendia pelo estudo continuado da poesia.

A fogaosa imaginação de Adélia voava, por assim dizer, após o pensamento dos autores que lia; e muitas vezes bastava-lhe percorrer as primeiras páginas para conhecer o pensamento que tinha presidido a composição; e identificava-se tanto com ele, que lhe parecia que as dores sofridas pelo herói do poema ela as sofria também. Byron, o ma-

⁸ Cidade do Maranhão, onde se deu a última batalha da Balaiada. Luís Alves de Lima e Silva, militar que a venceu em nome do Império, recebeu por isso o título de Duque de Caxias.

vioso Lamartine, o grandioso Vítor Hugo eram seus poetas favoritos... Eram sua leitura contínua.

Agora imagine a leitora, com quanta veemência, com quanta poesia, com quanto arrebatamento devera essa donzela amar. Bem como Jocelyn, seu amor era perfumado de melancolia, porém ao mesmo tempo épico e robusto como o de Hermengarda.

Adélia só havia amado uma vez e a um só homem, mas esse amor fundido no cadinho de uma alma poética, alimentado em um coração robusto, embelezado e idealizado por uma imaginação pura, e ardente, deverá trazer a morte para essa alma, para esse coração, para essa imaginação, se por ventura fosse em tempo algum olvidado, e traído.

A donzela estava em seu jardim regando suas flores, quando a canoa em que Álvaro vinha abicou em terra; e quando aquela aguardava vê-lo tomar a direção, como soía, de sua casa, o viu afastar-se acelerado para um ponto oposto.

Uma dor aguda e cruel feriu seu coração, e malgrado seu as lágrimas araram-lhe as faces.

O regador lhe caiu das mãos, e ela se dobrou sobre si mesma e deixou-se cair em um banco, prostrada e exânime, como a flor pendida no galho, e emurchecida pelos ardores do sol.

Quanto tempo passou nesse estado, não no soube ela. Sua destra comprimia o coração, e por seu lábios entreabertos se escapava uma respiração arquejante.

“Há, disse uma exímia escritora francesa, na afeição traída algo de mais triste que na mesma morte.” Essas pala-

vas pronunciou Adélia mentalmente; e um tremor glacial agitou seu débil corpo.

Mas quem disse que ela era traída?

Ninguém.

A alma ardente da jovem viu um esquecimento, uma traição do seu amante, nesse seu pressuroso afastamento.

Alevantou-se por fim, endireitou seu curvado corpo, e um suspiro tremeu em seus lábios.

Era, e foi o último sinal de fraqueza.

Adélia readquiriu a robustez de seu coração – seu pranto secou; e seus olhos brilharam com estranho fulgor; seu peito arfou com violência pelo esforço que havia feito; e de novo pegou no seu regador, e continuou tranquila, ao menos na aparência, sua tarefa interrompida.

Finda esta, recolheu-se à casa sem deixar escapar uma só queixa, um só suspiro.

Eram uma alma e um coração enérgicos.

Ao cair desse dia, não obstante as nuvens pesadas que se aglomeravam no nascente, e o vento úmido que soprava, e o rumor longínquo que sempre augura a aproximação da tormenta, Adélia estava assentada no caramanchão com a cabeça descansada sobre sua harpa.

Seus cabelos soltos e esparsos caíam sobre as cordas do instrumento, e às vezes açoitando-as pela força da brisa, as fazia desferir sons lamentosos, semelhantes aos suspiros de agonia.

Adélia trajava um roupão amplo de fazenda branca que, soltas as pregas da cintura, caíam como as vestes talares com que os poetas e pintores adornam os anjos, e ninfas.

Estava embebida em profunda meditação melancólica; em seu rosto, porém, não se lia nem dores nem angústias, apenas uma mórbida palidez cobria suas faces, e suas pálpebras velavam os olhos.

Em vão durante o dia tinha aguardado, entre esperançosa e desanimada, a vinda de Álvaro; e, quando se aproximou a hora do ocaso do sol, sem dor, assim podemos dizer, reconheceu que se não havia enganado na sua primeira suspeita, na desconfiança do amor do mancebo.

Não procurou adivinhar os motivos: que lhe importava saber as razões, quando conhecia já não dominar inteiramente no coração de Álvaro como outrora.

A seus pais, porém, nada disse, nem mesmo a chegada do mancebo.

O longínquo ribombo de um trovão veio despertar a donzela, que involuntariamente feriu as cordas da harpa, cujos sons se foram casar com o rugir da tormenta.

Nesses sons assim casados, uns melódiosos e ternos, outros roucos e pavorosos, cifrava-se por bem dizer a história do seu amor, que começou terno e mavioso como o som da harpa, e ia acabar, quiçá, como o roncar do trovão.

Duas tormentas estavam prestes a desabar: uma do coração, e outra da natureza.

Qual delas causa maiores e mais irreparáveis estragos?

Não vacilamos em afirmar que é a primeira.

O sol difundia sobre a terra uma luz pálida arroxeadá; o trovão ribombava com mais força, e os raios mais amiúde serpenteavam no espaço celeste.

Adélia dirigiu um olhar vagaroso ao redor de si, e só então se apercebeu da próxima borrasca.

Colocou sua harpa em posição de ser tocada e, com voz vibrante, que contrastava com a marmórea palidez de seu rosto, entoou a seguinte canção, inspirada pelo momento, e estado de sua alma.

Se amor é dom celeste
Da diva mansão descido,
Por que cava em nossos peitos
Profundo golpe doído?

Mas amor é um tormento
D'infernal mansão saído,
Por isso cava em nossos peitos
Profundo golpe doído.

Se amor nos dá pesares
Mais amor não quero ter:
Um coração que é escravo
Não pode alegre viver.

Cruas dores nos causa
O amor quando traído...
Desprezos nos apunhalam
Dum amante fementido

Meu coração quero livre
E a vontade livre ter
Só assim posso meus dias
Contente, alegre viver.

Calou-se. Mas por algum tempo ainda continuou a dedilhar a harpa, ora com langor e melancolia, então, os

sons que se escapavam das cordas iam, tremendo nas asas da forte brisa, morrer ao longe, como o arrulhar da pomba em noite sombria; ora transportada, e com frenesi, enviava ao encontro do rumor da tormenta notas agudas, fortes e vibrantes, que às vezes se iam confundir com o sibilar do vento e o ribombo do trovão.

Então essas notas soltas, interpoladas, como o frenesi que fazia tremer o coração da donzela, se iam repercutir nos ecos das florestas.

Quando do agitado descia ao melodioso, ou vice-versa, só o arfar mais ou menos acelerado do seu colo indicava qual a agitação dessa alma tão grande, tão elevada e tão poética; na aparência, no rosto, porém, sempre a imobilidade da estátua.

Quem a visse numa tarde borrascosa, assim dedilhando na harpa com tanta alternativa, supô-la-ia o antigo bar-do ou a pagã sacerdotisa, pedindo inspirações à tormenta, ou predizendo a ruína, a miséria e a desolação de uma geração inteira.

As filhas da antiga Gália, subindo contentes sobre a pira, onde iam ser sacrificadas para abrandar a cólera dos seus deuses, e assim salvar a pátria querida da invasão que a ameaçava, por certo que não eram nesses momentos mais sublimes do que essa fraca donzela desafiando com os sons do seu instrumento o rugir da tempestade.

Tão enlevada, tão entregue estava ela aos transportes da música, que não viu Álvaro, que a alguns passos parou, em muda contemplação.

– Oh! A visão!... – exclamou ele.

Neste momento, um raio estalou com força. Adélia sobressaltou-se.

– Álvaro! – proferiu ela, vendo-o.

– Adélia! – murmurou ele com voz cava.

Houve um longo silêncio.

Adélia o olhava com o rosto erguido, e Álvaro suportava seus olhares com a cabeça pendida. Por fim, aquela afastou a harpa, e levantou-se.

– Por que não continuais a tocar?

– Porque há muito que o faço... Estou cansada...

– Oh! Adélia, o meu coração adivinha que no vosso se passa alguma coisa que me diz respeito.

– E donde vos veio esse pensamento?... Porventura pretende o vosso coração sondar o meu, e conhecer as pulsações que por momentos o agitam? Oh! Álvaro! Quando uma donzela assim se deixa ser assenhoreada... quando em seu coração não há um santuário vedado a todas as vistas, e que não há dor que o oprima nem pensamento que o agite, que para logo não seja conhecido, ai dela! Ai dela!

– Quereis então tornar-me insciente das dores e pensamentos que fazem pulsar o vosso?!...

– Sempre o fostes.

– Sempre, Adélia?!...

– Sim. Sim. Sempre. Sempre!

– Oh! É cruel... é... Ter sofrido... e sofrer ainda um martírio que não se pode dizer... E chegar... e não encontrar um afago, um carinho... é cruel. Sim, é.

A cabeça de Álvaro caiu sobre o peito e seus braços penderam inertes.

– Ah! – continuou ele – Para que vos vi eu, Adélia... para que vos amei com tanta veemência como vos amo?! Oh! Noite fatal! Um ente estranho e poderoso se opõe ao nosso amor... não quer que felizes sejamos! Oh! Deus! Deus meu! Valei-me!

– Vós delirais!...

– Sim... É um delírio, uma vertigem, um encanto a que não posso fugir... que a meu pesar me arrasta a pensar sempre nela.

– A pensar nela?! Ah!...

– Sim... Nessa mulher, fantasma, duende ou visão, que se apoderou de todas as minhas faculdades... que não me deixou a menor liberdade... Sim... Tal é a magia que ousou vo-lo confessar... Sois um anjo, Adélia, e só vós me podeis livrar aos encantos desse ser...

– Eu, Senhor? Oh! Enganaste-vos. Os nossos frequentes entretenimentos⁹ pouco me fizeram ainda conhecida por vós... Embora tivesse eu o poder de vos livrar das seduções de uma outra mulher, não o faria, Senhor... porque a todos os momentos me veria, quiçá, obrigada a empregar o meu poder para libertar o vosso fraco coração...

– Ó, Adélia, que não vos mereço tal censura.

– Como? Não mereceis quando a mim vindes dizer que uma outra mulher subjuga o vosso coração?!... Oh! Senhor, ou é muita zombaria ou muita fraqueza vossa...

⁹ O autor grafa intertenimento, forma até hoje popular.

– Senhora D. Adélia, julguei depositar as mágoas do meu coração, que contava as alucinações de minha mente a uma amiga... que saberia relevar a minha fraqueza, animar-me com seu amor, e sua amizade, porém enganai-me...

– Então ainda me amais?!...

– E pudestes duvidar?!...

– Aguardarei as provas.

Adélia retirou-se apressada para casa; e daí a pouco uma escrava veio buscar a harpa.

Álvaro assentou-se no caramanchão, e mau grado seu, seus pensamentos se foram encadeando de tal forma, que pararam na cena da tapera. Então com olhos da imaginação viu outra vez essa mulher, ainda mais bela que na véspera; seus tímpanos repercutiam outra vez os sons desse canto meigo, terno e merencório. Seu coração estremeceu de prazer e medo ao mesmo tempo.

Estranha contradição do espírito humano: a ama, e teme ao mesmo tempo o maravilhoso, e sobrenatural!

Não quinhoava Álvaro as ideias do vulgo a respeito dos seres que habitam as tapersas... cria que essa jovem que vira era um ser real, e humano, porém o lugar, a hora, o tempo e a maneira por que lhe aparecera e por que sempre se escapava de suas mãos lhe faziam vacilar a mente, e inclinavam-no a crê-la sobrenatural.

Fosse como fosse, tal magia se apoderava dele, que só pensava nessa jovem, e só alimentava um desejo – torná-la a ver... Tudo o mais lhe era indiferente.

Amando veementemente a Adélia, fascinado e subjuga-
do inteiramente pela visão que tivera na tapera, temia per-
der o amor de Adélia, porque isso fora sua morte, porém
não ousava, como outrora, a seus pés protestar seu amor
– porque lhe parecia que a visão o ouvia – e via sobre seus
lábios esse meigo riso, e em seus olhos esse olhar melancó-
lico... Conhecia que essa visão era um anjo, e que seu amor
para Adélia era a perdição desse anjo.

Balanceando esses dois sentimentos, entre estas duas
paixões, uma das quais tocava à fascinação, sua cabeça se
perdia, sentia o cérebro estalar-lhe dentro do crânio.

O amor de Adélia era sua vida...

A fascinação do fantasma era mais que a vida.

Álvaro se conservou por algum tempo ainda assentado
sob o caramanchão, até que algumas gotas da chuva sacudi-
das pelo vento lhe vieram açoitar o rosto.

Então levantou-se e vagorosamente se dirigiu para a
casa. Ao aproximar-se, ouviu sons da harpa – era Adélia
que a tocava.

O mancebo vacilou algum tempo, por fim fugiu apressado.

III

INDAGAÇÕES

Passados oito dias, por uma tarde sombria, descia rapidamente pelo rio uma canoa tripulada por oito vigorosos remeiros. À sua popa se via assentado um homem, embuçado em ampla e longa capa negra, que lhe ocultava inteiramente as formas. Um chapéu de feltro de longas abas, puxado sobre os olhos, lhe ocultava o rosto: e para maior precaução trazia um lenço preto atado no cimo da cabeça, passando por baixo da barba.

O cuidado do governo estava entregue a um dos homens da tripulação.

Este não sabia para onde se dirigia, e nem a quem conduzia; porquanto nesse dia um negro os fora ajustar para levarem um desconhecido ao lugar que este indicasse.

Tinham sido generosamente pagos, como se fora para uma longa viagem, e por isso não apresentaram a menor relutância nem indagaram nada.

Na hora designada para o embarque, duas da tarde, o mesmo negro se lhes apresentou acompanhado do indivíduo disfarçado, que há pouco descrevemos, no porto da Vila de Itapecuru-Mirim, onde os remeiros embarcados aguardavam pelo estranho passageiro.

– É este, parti! – lhes disse o preto.

E a canoa, impelida por oito possantes remos, deslizou rapidamente pelo rio; e quando esta esteve diante da praia que no começo deste romance esboçamos, o desconhecido, tocando no braço do timoneiro, com a mão indicou.

A canoa seguiu para esta, e daí a pouco abicava em terra. O desconhecido saltou: um dos remeiros depôs junto dele uma pequena frasqueira e uma mala de viagem.

Depois de embarcado o mesmo remeiro, o desconhecido fez um sinal de despedida, e lhe mostrou com a mão a direção da vila.

A canoa retrocedeu para esta, e o homem se conservou em pé na praia até que perdeu de vista a canoa, e até estar convencido que os que nela iam não podiam mais vê-lo. Então, sobraçando a frasqueira, se dirigiu para a casa da tapera: depois de aí tê-la deposto, voltou à praia e trouxe a mala, que tudo, isto é, a frasqueira e a mala, e foi pô-la no mesmo quarto em que Álvaro pernoitara.

Quando concluiu essa sua tarefa, já a noite espalhava sua sombra sobre a terra.

A frasqueira continha provisões preparadas para alguns dias, velas, fósforos, e um par de pistolas de alcance. O desconhecido tirou da mala uma rede, que armou no quarto a que já nos referimos; isto feito, dirigiu-se à varanda onde por muito tempo se conservou meditativo, tão mudo como o fundo silêncio que o rodeava.

A noite já escurecia a terra quando ele, arrancando-se à torrente de seus pensamentos, se encaminhou para o quarto, e tirando uma vela da frasqueira, e fósforos, a acendeu.

Começou a percorrer esse solitário casarão, que mostrava ter sido um espaçoso, belo e airoso edifício, solidamente construído, tão solidamente que o corpo principal do prédio pouca ruína apresentava. Suas portas, a maior parte empenadas, e enferrujadas nos seus quícios, o que impedia de se fecharem, eram de fortes madeiras.

O desconhecido visitou espaçosos quartos, em alguns dos quais achou poucos móveis, como uma velha mesa, algumas cadeiras antigas de pau, que levou para o quarto onde determinara residir.

Em um quarto, construído fora do corpo principal do edifício, que parecia ter sido construído depois, e que mostrava ter sido um grande gabinete, deparou com uma velha secretária, coberta de pó, e alguns papéis escritos, mas tão gastos pelo tempo, e umidade, que fora impossível lê-los: uma grande, pesada e carcomida poltrona estava próxima à secretária, cujas gavetas haviam sido tiradas. Mais a um canto, estava um grande cofre de madeira de pau d'arco, solidamente abraçado com capas de ferro, cuja fechadura

mostrava lugar para três chaves, mas tudo tão enferrujado, que em vão trabalhou o desconhecido para sequer abalar a caixa do lugar que ocupava.

Depois de novas tentativas, e inúteis esforços, voltou o desconhecido para o segundo quarto.

Aí, depois de uma breve refeição, tirou o chapéu, a capa e o lenço que lhe ocultava parte do rosto, e tudo colocou sobre uma cadeira.

Era Álvaro.

Qual o fim que segunda vez o levava a essa tapera, a leitora já terá adivinhado.

Fascinado inteiramente pela visão que aí teve na sua primeira viagem; inquieto, e agitado nos dias que decorreram entre esta e o presente momento, formou a firme resolução de descobrir esse mistério, de conhecer se era real ou fantástica a jovem, que em sonhos e despertado vira; queria enfim satisfazer ao desejo inexprimível do seu coração, que lhe mandava voltar a esse lugar.

Álvaro assentou-se junto à mesa em uma cadeira, e descansando o rosto nas mãos deixou-se ser arrebatado pela impetuosidade dos seus pensamentos; esqueceu o lugar onde se achava, o fim para que que viera, e o tempo que decorria.

Quantas horas passou ele nesse estado, não o poderia dizer.

Rapidamente apagou-se a vela, o que despertou a Álvaro, que lançando mão da caixa de fósforos que junto a si tinha colocado, acendeu um, à cuja luz, com grande espanto, viu que a vela se tinha consumido toda, o que indicava que muito adiantada ia a noite.

Então acendeu outra vela, e viu a mesma jovem, trajando alvas e roçagantes roupas, que em pé, no limiar de uma das portas do interior, o encarava meigamente sorrindo.

Seus lábios entoavam as sentidas notas da canção, que uma vez já ela entoara.

Álvaro ficou extático à vista de tanta beleza e perfeições divinais.

Pode então distinguir todos os traços do seu encantador rosto, pode ver a meiguice dos seus olhares.

Sua estatura elevada, de contornos perfeitos, sobressaía no meio da roupagem de que estava coberta.

Seu rosto sobre o comprido, de marmórea alvura, era sombreado por uma cabeleira anelada, e negra, negra como o azeviche.

Seus lábios finos e pálidos se entreabriam com meigo sorriso, deixando ver uns dentinhos de pérolas.

Seu nariz comprido e direito não era agitado nas narinas pela mais leve respiração, como se esse todo não fosse animado.

Suas sobrancelhas, artisticamente desenhadas, sombreavam uns olhos ternos, brandos, e vivos. Seus braços perfeitamente torneados estavam cruzados por baixo dos seios.

Conservava estática imobilidade; apenas o volver de seus olhos a denunciava como um ser animado.

Álvaro sentiu uma vertigem perturbar-lhe a razão, e a vela, que ele segurava na destra, vacilou, e esteve prestes a cair por terra: este segurou-se na mesa para também não ser rojado no chão.

– Oh! Quem sois?

O terno sorriso, e meigo olhar, foi quanto em resposta obteve.

– Oh! Pela Virgem! Falai! Quem sois?

– “Sempre triste, em solidão” – entoaram seus lábios.

– Estarei acordado, ou será ludíbrio de um pesadelo! – exclamou Álvaro.

– “Que vivo na terra mesquinha,
Sempre triste, em solidão...”

Álvaro se levantou, dirigiu-se para o fantasma, ou mulher, que via; esta porém esquivou-se como da primeira vez, e fugiu pelos quartos.

Álvaro a seguiu, até que chegou no quarto onde se abria a escada, e não vendo mais o objeto que o atraía, julgando que, como da primeira vez tivesse fugido pelas escadas, às apalpadelas, porquanto não tinha trazido luz, desceu os carcomidos degraus, que estalavam sob seu peso.

Chegando embaixo, achou-se Álvaro em uma grande loja, cheia de entulho, por cima do qual com dificuldade passou, e por fim saiu fora, na parte que sem dúvida fora outrora o quintal da fazenda.

Não desanimou, porém, e continuou sua marcha através de cipós, e espinhos de toda a espécie.

Uma pálida claridade no horizonte demonstrava que o dia vinha combatendo as trevas, e que a vitória daquele seria certa.

Álvaro prosseguiu sempre na esperança de deparar com algum casa, onde mais amplas informações tomasse sobre a tapera, e seus antigos moradores.

Ao cabo de três horas de penível marcha, ouviu o cantar longínquo do galo. Animado por esse certo indício de lugar habitado, tanto quanto pode apressou o seu andar.

Ainda algumas horas gastou antes que, de longe, enxergasse um casebre, à cuja porta viu uma cabocla velha assentada.

Extenuado, banhado de suor, e coberto de lama, chegou finalmente a esse casebre.

A velha cabocla, ao avistar o mancebo, se levantou e o aguardou.

– Bom dia, minha velha – disse Álvaro

– Deus vos dê os mesmos.

– Permiti que eu descanse alguns momentos à vossa porta...

– Entrai, meu Senhor, esta pobre casinha está à vossa disposição.

– Não; contentar-me-ei em ficar à porta dela.

E Álvaro assentou-se em um tronco caído, que quiçá servia de banco.

– De longe vindes, que vos vejo todo enlameado?

– Desde o romper do dia que ando.

– E vos dirigis?

– Ao lugar donde vim. Há uma tapera, que demora ao nascente, e à beira rio, de lá venho.

– Da tapera do Comendador?! Jesus! E o que fostes lá fazer?

– Perdi-me no meu caminho... E lá pernoitei.

– Dormistes na tapera?

– Sim, dormi.

– Oh! O anjo da vossa guarda vos acompanhou por certo, e o santo do vosso nome vos defendeu; do contrário não vos contaríeis mais entre os viventes!

– Oh! E por que então?! O que se passa nesse lugar, que designais com o nome de *Tapera do Comendador*, que um homem não pode, sem grande risco, lá passar uma noite?

– Não sois desta terra?

– Há alguns anos que moro na Vila do Itapecuru-Mirim.

– Oh! É por isso que me fazeis uma tal pergunta.

– Pelo que vejo, sabeis a história dessa tapera?

– Sei-a... Sei-a... e muito bem sabida...

– E tereis a bondade de contar-ma?

– Sim, meu Senhor, vou contar-vo-la, ainda que certa estou de que nem sempre me acreditareis, porque os moços de agora nem sempre dão crédito às palavras dos velhos. Eu sou uma índia; de meus antepassados ouvi as histórias de todas as tradições de nossa terra... Sei-as todas...

– Oh! Eu vos crerei.

– Pois então ouvi-me.

E a velha cabocla assentou-se no batente da porta, e começou nestes termos a história da tapera do Comendador revestida de todas essas magias com que se adorna a poética imaginação do povo.

– O fundador dessa fazenda, hoje tapera, foi um homem bastante rico, muito orgulhoso, e ainda mais cruel. A esse homem fora entregue pelo Conselho da Câmara, em 1691, uma índia chamada Guatiana, bela como os amores, fresca

como a flor da jeniparana¹⁰, flexível, e branda como a madeira dessa flor. Em seu peito palpitava um coração ardente, e no seu rosto bronzeado refletiam os ardores de sua alma. Sobre Guatiana exercia seu Senhor as maiores barbaridades, tudo porque aquela não se queria prestar à satisfação de sua brutal concupiscência.

Ora, a índia amava ao formoso e valente Dorocauana, vigoroso índio, que manejava com destreza o *tacape*¹¹ e empunhava a flecha, a quem, quando nas matas, livres como Deus os fez, entretinha à sombra do coqueiro de seu amor. Guatiana lhe preparava seus adornos de penas, e lhe pintava o corpo, não só para a guerra como para as festas de sua *taba*¹².

– Oh! Eram felizes então!

Mas em um dia a tropa capitaneada por um João Moraes cerca a *taba* de improviso e prende a maior parte de seus moradores. Dorocauana estava na caça no momento em que sua querida Guatiana era carregada de ferros.

Não é possível pintar-se a dor do mísero índio, quando de longe viu sua *taba* incendiada; e com gritos que fariam partir de dor as mesmas pedras, bradava, vagando entre o incêndio, por sua amada Guatiana.

10 Nome popular, originário do tupi, da *gustavia augusta*, muito apreciada por suas flores, que dão em cachos. Também chamada castanha-fedorenta e pau-bosta (pelo fato de sua madeira exalar esse cheiro quando é queimada).

11 Arma, espécie de maça, usada pelos índios.

12 Conjunto de palhoças (ocas) onde habitavam os índios.

– Guatiana! Oh Guatiana! – exclamava ele entre lágrimas. Mas só os ecos respondiam aos seus doridos transportes. Rojou-se no pó, atirou-se às chamas, invocando todas as potências infernais em seu socorro... mas tudo foi surdo às suas vozes, e às suas lágrimas.

Quando o fogo consumiu a pindoba¹³ do último *tijupaba*¹⁴ da taba, um homem coberto de cinzas, e os lábios de espuma, se alevantava do montão, bradando por vingança.

A infeliz Guatiana foi levada para a Capital, onde pelo Conselho foi entregue ao seu novo senhor, que já se abrasava pelos encantos da mísera.

Contava esta apenas 25 anos, e a veada ligeira não era mais rápida do que ela; seus cabelos negros e lustrosos caíam sobre os ombros e colo bronzeados¹⁵.

Rodrigo, assim se chamava esse homem, conduziu sua presa para a fazenda, onde começou a persegui-la com o seu lascivo amor.

Esse homem era casado; contudo tinha uma mulher jovem e bela, que vivia com seu filho de idade de quatro anos, chamado Hugolino, como encerrada em casa.

Uma noite em que Guatiana tinha sido, mais do que ordinariamente, maltratada pelo seu bárbaro Senhor, e

13 Folha de palmeira homônima.

14 Cabana de índios menor que a oca. Uma das habitações da taba. Palhoça que os trabalhadores constroem nas roças ou no meio da mata.

15 Repare-se a semelhança da descrição com a de Iracema, no romance homônimo de José de Alencar, publicado três anos depois. Esse perfil deve, por isso, ter por base os relatos dos cronistas.

que assentada à porta de seu rancho deixava suas lágrimas correrem em fios pelas faces, ouviu uma canção, que a fez estremecer.

Era assim:
Nossa taba está deserta,
Aí reina a solidão!
Em vão busco, em vão procuro,
A luz do meu coração.

Penda a arazóia¹⁶ da cinta
Já inútil, e sem valor,
Que o braço que a empunhava
Já em si não tem vigor.

Sem ti, bem sabes que a vida
Fica pra mim sem valor
Foge, Guatiana, oh! Foge!
Ao teu cruel roubador!...

Esta canção foi fielmente conservada na nossa família, porquanto eu descendo do mesmo tronco que a infeliz Guatiana.

Apenas calou-se a voz e Doracauana se arremessou nos braços de sua amante; e assim estreitados derramaram no seio um do outro copiosas lágrimas.

Nesse momento apareceu o cruel Rodrigo, que vinha em busca da mísera para nela renovar seus maus-tratos, e promessas de amor.

16 No livro está grafado arrazóia, mas pode ser um dos erros de tipografia de que fala o autor. Por isso, grafamos arazóia, como registram Gonçalves Dias, no poema “Leito de folhas verdes”, e o *Dicionário Aurélio*. Trata-se do fraldão de penas utilizado pelas indígenas.

O furor desse homem tocou ao seu auge quando viu aquela, que ele tão ardentemente cobiçava gozar os encantos, estreitamente abraçada com seu amante: porquanto a infeliz, na esperança de matar o desejo libidinoso de seu senhor, tudo lhe tinha declarado.

Rodrigo bradou por seus escravos, que correram aos seus gritos; e mandou carregar os dois amantes de ferros, lançá-los na mesma prisão, na impossibilidade porém de se aproximarem.

Os dois infelizes amantes desde logo previram a sorte que os aguardava, porém restava-lhes a esperança de morrerem juntos.

Que noite de lágrimas e dores passaram ambos é fácil compreender-se.

No dia seguinte, ao despontar do dia, Rodrigo, acompanhado por quatro vigorosos escravos, armados de azoragues, se apresentou no calabouço e ordenou-lhes que açoitassem suas vítimas, ao que obedeceram, malgrado seu, esses algozes.

Foram os dois amantes bárbara, e cruamente açoitados; sua carnes foram retalhadas, e o seu sangue salpicava as mãos e rostos dos flageladores; mas no meio de suas torturas, e dores, em vez de gemidos, e soluços, escapavam dos lábios das vítimas uma canção amorosa, e terna, que a tradição não conservou.

Durante nove dias, sofreram Guatiana e Dorocauana dores cruéis – todas as manhãs, durante esse tempo, eram açoitados, porém sempre entoavam a mesma canção: o que

tudo ainda mais desesperava ao cruel Rodrigo. Essa resignação angélica, esse mudo sofrer do mártir, eram outros tantos punhais que dilaceravam o coração do opressor.

O décimo dia surgiu enfim, em que deviam esses amantes, e resignadas vítimas da concupiscência, e barbaridade de um homem, cessar seu martírio, para irem receber no céu a palma devida a suas inocências.

Rodrigo entrou, seguido dos algozes; seu rosto estava pálido, desvairado o olhar, e com voz rouca ordenou que começasse a tortura.

Os desgraçados índios apenas se moviam.

Começou o açoite na mísera Guatiana, e apenas principiava esta a entoar sua canção, que as palavras lhe expiraram nos lábios.

Sua alma voou ao céu – estava morta.

Darocauana, conhecendo que a amada do seu coração já era um cadáver, com esforço sobrenatural se alevantou: afastou os seus algozes.

– Maldito! – exclamou ele, dirigindo-se a Rodrigo, com voz estridente. – Maldito de Tupana¹⁷ sejas tu, e toda a tua raça... expire ela toda sob o azorrague... e nos mais cruéis sofrimentos e dores, assim como expirou Guatiana. – E, virando-se para esta, disse entre lágrimas: – Guatiana! Oh! Minha muito querida Guatiana!... Eu me vou reunir a ti além da grande montanha... E então seremos felizes...

17 Variante de Tupã, gênio do trovão e do raio, divindade suprema dos indígenas (NAVARRO, 1998, p.617).

Calou-se.

Prostrou-se por terra, e daí a pouco morreu sob os azoragues que lhe retalhavam as carnes já mortas.

Rodrigo fugiu espavorido, e cheio de horror.

Desde então, o algoz de tão inocentes vítimas, o filho da concupiscência não gozou um só momento de sossego.

Ralado pelos remorsos, consumido por noites de insônia, perseguido pelas sombras de suas vítimas... Errava noites inteiras pelo recinto da fazenda... Ululava como o cão raivoso... E assim alquebrado de forças, ralado pelas agônias do réprobo, sem esperanças na outra vida, temeroso da morte, desesperado deste mundo, caiu prostrado num leito de tormentos.

Não consentiu que o tratassem; não queria ver sua mulher, e filho; e só com seus remorsos jazia inerte, e semimorto no leito de torturas.

Ao cabo de algum tempo era um cadáver no corpo, apenas vivendo nos olhos; que despediam estranho fulgor.

Ao amanhecer de um dia, chamou para junto de seu leito de morte sua esposa, que era um anjo, que Deus havia colocado ao seu lado, para tentar a salvação de sua alma, se ele escutasse suas palavras.

– Eu morro – disse ele logo que sua esposa entrou no quarto – Sobre minha cabeça chamei a maldição do Céu, bem como sobre toda a minha descendência. Conheço que para minha alma não há salvação, pois que minha sentença foi lavrada no Céu, enquanto ainda estava eu aqui na terra. Às potências infernais entrego minha alma, bem como

minha descendência, até que apareça uma alma tão pura e imaculada que a resgate... E a maldição que do meu leito de morte lanço sobre ela seja o pacto que faço com o demônio.

A mísera Senhora, a tais palavras, caiu sobre os joelhos implorando à Virgem.

Um furacão horrível torceu as árvores, e levantou um turbilhão de pó, que redemoinhou no espaço. O sol envolveu-se em trevas, e uma coruja fendeu os ares soltando seu agoureiro piar.

Quando tudo se aplacou, Rodrigo, o nefário, o maldito de Deus, não existia... Tinha expirado no momento em que selava o seu pacto com o demônio.

Desde então a fazenda povoou-se de fantasmas; e cada membro da família que morria era um novo fantasma que aparecia.

O último descendente dessa raça maldita foi o Comendador Fernando, que rapidamente desapareceu do mundo, bem como sua mulher, e sua filha: e essa alma pura e imaculada que resgataria a família do poder do diabo não apareceu, e nem jamais aparecerá, porque esta acabou-se.

Os escravos do Comendador foram vendidos para pagar suas dívidas, e a fazenda ficou abandonada, e é hoje uma *tapera*, onde só habitam larvas e duendes.

Desde a morte de Rodrigo, seus sucessores e descendentes foram feridos de grandes desgraças antes de seus falecimentos, como naufrágios, inundações, incêndios e peste. Oh! É que Deus não deixou impune o bárbaro assassinato de Guatiana e Dorocauana; e uma geração inteira pagou tão

horrendo crime. As almas dessa família vagueiam a dehoras, e continuam nos seus malefícios... Portanto muito me admiro que tenhais pernoitado nessa tapera, e que ainda vivo estejais. É esta, meu Senhor, a verdadeira história dessa família de nefários.

Álvaro, que havia escutado a velha com interesse, finda a sua narração se conservou mudo, com o rosto oculto nas mãos.

E a velha cabocla o encarava admirada.

IV

EROTOMANIA

Dez dias se haviam passado sem que Álvaro aparecesse em casa de Gomes. Este e sua mulher, com razão, se admiravam do rápido e estranho proceder do mancebo, até então tão assíduo, e arrebatado junto deles. Com olhares investigadores procuravam ler no coração de sua filha; mas o sorriso encantador, e perene que errava por seus lábios enganava os receios dos autores dos seus dias.

Adélia passava horas esquecidas tocando na sua harpa, e sempre pedaços de fantasia, porém sua voz melodiosa não se ajuntava mais aos sons do instrumento.

D. Teodora espreitava em vão os passos de sua filha; esta, porém, se entregava sempre às suas habituais

ocupações, senão com prazer, ao menos sem visível repugnância: regava suas flores, tocava na harpa, lia seus poetas favoritos, como se a ausência de Álvaro lhe fosse indiferente.

Na manhã do décimo dia, Teodora entrou no quarto de sua filha, que absorvida estava no pensamento que executava no seu instrumento, tanto que não viu sua mãe.

Era essa música um composto de sons melódiosos e ternos... Ternos até chegarem ao coração, e que para logo se transformavam em notas vigorosas, e agudas como o delirar do amor, o frenesi da paixão, a loucura do cérebro. Teodora, subjugada, escutou – essa música que por fim, em um trêmulo prolongado, mavioso foi morrendo pouco a pouco até finalizar numa nota sentida, e queixosa como o gemer da brisa entre rosais.

– Que música é essa?

– Ah! Minha mãe, vós me escutáveis?

– Sim. E é a primeira vez que a ouço. Onde a aprendeste?

– No meu coração.

– No teu coração?! Minha Adélia! Oh! Então sofre ele os transportes ora ternos ora delirantes, que me declarou a tua música?!

– Enganai-vos, minha mãe; o meu coração nada padece. Sofre, é bem verdade, porém somente as comoções de minha alma, que vós, e meu pai muitas vezes disseram – poeta. Os devaneios de minha alma, na falta de palavras que os possa explicar, os faço vibrar nas cordas de minha harpa, cujos sons unicamente os podem traduzir.

– Mas porque são sempre esses devaneios tão tristes, sempre tão cheios de paixão e frenesi?

– Oh! Ainda vos enganais, minha mãe; nem sempre são tristes, nem sempre são apaixonados e frenéticos. Ouvi.

Adélia lançou mão da harpa, e nela tocou uma música viva, alegre, e animada cujas notas encadeadas umas nas outras eram sempre um seguimento de alegria, e que, brincando nas asas da brisa, pareciam às vezes voltar ao instrumento donde partiram, para se juntarem às outras, e darem maior força e alegria.

Malgrado seu, Teodora sorriu-se com prazer, porque a música que tocava sua filha fazia o coração saltar no peito com júbilo.

A harpa emudeceu.

– Então não me perguntais agora, minha mãe, onde aprendi esta música?

– Não, porque já sei. Só agora conheço quanto é adornada a fantasia de minha filha: só agora sei quantas belezas encerram os teus pensamentos.

– Vós só agora me compreendestes, minha mãe; porém há muito tempo conheço que de mim vos ocupais. Julgai-me triste e infortunada. Oh! Quanto vos enganais.

– Minha querida Adélia! – disse Teodora, estendendo-lhe os braços onde aquela se precipitou alegre, e risonha.

– Mas por que há tanto tempo, minha querida Adélia, a tua voz não acompanha as harmonias do teu instrumento?

– Porque, já vo-lo disse, as palavras iriam quebrar, por sua fraqueza, a magia, o encanto, o vigor do pensamento que executo.

– Ah! Adélia, Deus permita que não pretendas enganar tua mãe.

– Eu enganar-vos! – proferiu Adélia com sobressalto.

– Sim, enganar-me. Tu amavas...

– E ainda amo.

– Mas suspeitas...

– Tenho certeza de que já não sou amada... Pelo menos não com tanta veemência como outrora.

– Então?!...

– Oh! Minha mãe, ide talvez rir-vos, chamar-me louca, porém juro-vos que gozo de todas as minhas faculdades.

– Fala, minha querida filha – disse Teodora, depondo um ósculo nos lábios de Adélia.

– Minha mãe, outrora Álvaro, tão pressuroso em procurar-me, tão feliz em passar seus dias junto a mim, tão venturoso com meu amor, hoje tão rapidamente não me procura, foge-me, torna-se tétrico e incompreensível. Perguntei ao meu coração o que isso significava... Quereis saber qual foi a resposta?

– Sim – do teu coração.

– Álvaro já não me ama.

– Oh! Que dizes, Adélia.

– Digo-vos que Álvaro já não me ama. Ora, sendo o seu amor que alimentava minha vida, perdê-lo fora minha morte. O que fiz eu então para não morrer?!... Idealizei o objeto de minha paixão, amei a um ser imaginário, que revesti com as feições de Álvaro, e que posso mudá-las para as de qualquer um outro homem, quando isso me agrada.

A esse ser ideal amo com veemência, a ele dedico as minhas ternas composições, e por ele inspirada executo alegres pensamentos, que recebo como um carinho, um afago seu. A flor, que desabrocha ao rocio da aurora, e que colho ao despontar do dia, a recebo como uma dádiva sua; e depois de emurhecida nos meus cabelos, a lanço no rio: é um presente que lhe envio. O gorjeio dos passarinhos, o ciciar da brisa nas folhas do bosque, o murmurar do rio, a aragem que brinca nos meus cabelos, a fragrância da rosa, que respiro, o perfume da natureza, que me embriaga, os brandos raios do sol, que me animam, a pálida claridade da lua, que me inspira, e que me melancoliza, são outros tantos protestos de amor, e ternura, que dele recebo. Oh! Minha mãe, vede se com um amor assim se pode ser infeliz!

– Mas esse amor não é da terra, e sim do céu.

– Ainda vos enganais outra vez. Quando meu pensamento remonta para essas regiões superiores, e desconhecidas, e chega até junto do trono do Supremo Ser, aí vejo o meu ideal amante, refulgente de glória, e brilhante de beleza. Se, filha da terra, a ela preza, meus pensamentos para esta decaem, então vejo-o sempre a meu lado terno, amoroso, afável, e arrebatado.

– Mas tudo isso é um delírio, uma loucura.

– Oh! Minha mãe, bem tinha eu previsto que me chamaríeis louca. Mas que importa se com esta loucura, com este delirar sou feliz!

– Sim, minha Adélia, serias feliz no Céu, e não na terra. Esses inefáveis gozos, criados por tua imaginação, não são

as alegrias, e os gozos do coração... Do mundo. Aqui não podemos ter prazer, ideais... A matéria reclama os seus direitos, e força é que sejamos escravos da matéria sob pena...

– Sob pena de quê?! Oh! Minha mãe, para que havemos de subordinar à parte mais vil de nosso corpo a mais nobre, e mais sublime. Aquele que vive escravo do corpo por pouco tempo tem gozos e alegrias.... Porém, para aquele que é dominado pelo espírito, seus gozos, seus prazeres, suas alegrias são imorredouras, e eternas.

– Tu me espantas, Adélia!

– Oh! Eu não estou alucinada, não deliro, não estou louca.

– Basta, minha filha, não tratemos mais deste assunto.

– Seja. Mas vos peço, minha mãe, que não julgueis que eu sofro, que padeço, que sou infeliz... Com a minha idealidade vivo em constante deleite do espírito... Sou feliz... Muito feliz...

– Pobre filha, que foi mister recorrer a um meio tão estranho para não seres desgraçada, eu te creio.

Teodora ainda mais uma vez osculou os lábios da filha, e saiu do quarto, e logo que transpôs o limiar da porta, suas lágrimas com custo retidas desabrocharam com violência.

Na sala encontrou seu esposo, que aguardava o resultado da entrevista, e que vendo o rosto de sua mulher banhado em pranto, com ânsia lhe inquiriu:

– Então, nossa filha?

– Choremos por ela, que a perdemos.

– Oh! O que me dizes?!...

– Ela não é uma mulher, mas sim um anjo de Deus, que peregrina na terra, mas que está prestes a subir ao Céu.

Teodora referiu a seu marido, quase palavra por palavra, a conversação que teve com Adélia.

Ernesto, às palavras de sua esposa, sentiu o coração estertegar-se no peito.

Viu que sua filha caminhava pausada e tranquilamente pela senda em cujo extremo está a *loucura*, esse brando leito em que se reclina a alma esmagada pela força dos padecimentos, é bem verdade; mas também é o mais lamentoso estado a que pode chegar o homem, em que uma só luz não esclarece as trevas do entendimento, em que as mais caras afeições da alma, as mais deliciosas sensações se apagam, para só ficarem os desejos animais.

Muito sofria esse pobre pai pela previsão do estado provável a que chegaria esse anjo, com tanto amor acalentado.

Adélia, depois que sua mãe se retirou, curvou-se sob o peso da sua dor; a energia de sua alma fraquejou um momento, então ela viu soçobrar suas esperanças, em sereno mar e límpido céu.

A idealidade do seu amor, que ela tinha relatado à sua mãe, não era um subterfúgio para lhe ocultar suas lágrimas, não; eram seus pensamentos, ou melhor, suas fantasias; eram os arroubos dessa alma poética, e elevada.

Essas exaltações do seu coração, e dos sentidos, tocavam, é bem verdade, ao delírio, porém, como havia dito, era um delírio amoroso, que a felicitava; arrancá-la pois a ele, seria quebrar-lhe a alma, torturar-lhe o coração, seria matá-la quiçá.

Álvaro, esquecendo o seu amor, não foi tão cruel como seria aquele que pretendesse arrancar a poesia desse amor

do coração tão exaltado da donzela.

Se Adélia sofria pelo esquecimento do mancebo, o alimentar o amor que ele tinha despertado em seu peito, e que a imaginação poeta da donzela tanto tinha sublimado, amando a um ser ideal, gerado no seu cérebro, revestido das formas de Álvaro, alimentar esse amor assim transformado lhe mitigava os padecimentos.

Nas flores que regava, no rio que docemente sussurrava a seus pés, nas pombinhas que meigamente arrulavam, em tudo a arroubada fantasia da jovem, como ela mesma confessava, via protestos de amor.

Se assim não era plenamente feliz, ao menos não era muito desgraçada.

Oh! Feliz o ente que assim se pode tornar invulnerável, reconcentrando todo seu ser no *eu*; espiritualizando-se, por bem dizer, despegando-se da carne, e fugindo ao mundo onde vive.

Mas ah! Isso só porém é dado às almas verdadeiramente poéticas ou predestinadas por Deus.

V

VIRGÍNIA

Não muito longe da tapera do comendador, no mais cerrado do mato, abria-se uma clareira, de dez a doze braças quadradas, em cujo centro se via uma pequena casinha, de paredes de taipa, e teto de pindoba.

Constava ela de dois quartos, e neles se viam alguns trastes, que contrastavam com a pobreza e mesquinhez do edifício, como fossem seis cadeiras de madeira fina, assento de palhinha, uma mesa, e uma cômoda da mesma madeira, tudo, ainda que velho, porém muito bem conservado, cujos trastes estavam no primeiro quarto.

No imediato, via-se uma antiga poltrona, cujo assento, e espaldar eram de couro, outrora doirado; uma outra

mesa de feitio oval, e pés torneados, que os antigos chamavam *bufete*¹⁸.

A ordem e o asseio reinavam nessa casinha, onde moravam uma jovem de extremada beleza, e uma preta velha.

A primeira chamava-se Virgínia, e a segunda Vitoriana.

A jovem ouvia com atenção as palavras da velha negra, a quem, por abreviatura do nome, ou antigo costume, chamava mãe *Sio*, que de sua parte também muito respeitava a donzela.

Mãe *Sio*, como de agora em diante a chamaremos, contava para mais de sessenta anos, mas ainda se mostrava robusta, e vigorosa, sobretudo para servir, e amar a Virgínia.

A vigilante ternura de uma mãe, os carinhos nascidos do coração, a pressa em satisfazer os desejos, em cumprir as ordens de Virgínia, a gravidade com que a aconselhava, a fidelidade de que a rodeava, tudo isto em mãe *Sio* tocava ao excesso.

Era uma brilhante manhã, poucos dias depois do começo desta história.

As chuvas tinham cessado, e o sol se alevantava do seu leito de verduras, num céu límpido, azulado e transparente, difundindo sobre a terra raios de luz vivificante, e refulgente.

Uma brisa perfumada e tépida soprava brandamente; brincando nas franças das árvores, sacudia o orvalho que delas pendia.

Os passarinhos, com vivos, alegres e variados gorjeios, saudavam o astro da luz e se aqueciam do orvalho da noite, aos tépidos raios que espalhava sobre a terra.

18 O mesmo que aparador.

O sussurro agradável da natureza quando acorda vagava de eco em eco, como as melancólicas e brandas notas da harpa eólia: as árvores brilhavam, ostentando o verde de suas folhas e os matizes de suas flores.

Junto à casa havia um grande pau d'arco¹⁹, que, então despido de suas folhas, enastrava o pequeno pátio dessa casa, com sua flores rescendentes, de um belo amarelo.

Mãe *Sio*, assentada à porta da casa, fumava em longo cachimbo o aromático fumo do país. Seus lábios murmuravam palavras de saudosa recordação – pensava na sua juventude tão livre, nos palmares da África, pensava na sua escravidão, pensava também no presente.

Algumas galinhas, e uma ninhada de pintos comiam o milho que *Sio* distraidamente lhes atirava.

– Oh! Minha terra! Oh! Minha Guiné! A cabana de meu pai, a fonte coberta de bananeiras, onde me refrescava nas horas de calor! Quem diria que eu, que nasci livre, havia de morrer num país longínquo, e escrava! – murmurava *Sio* – Que foi feito de ti, meu querido Hogô!? Talvez vivas escravo em terras de branco, como a tua amante Guauza!... Em que se tornaram os nossos risonhos projetos, feitos ao clarão da lua, e sob as virentes palmeiras? Em que se tornou aquele amor, que tão ardentemente sentíamos um pelo outro?! Oh! Desapareceram como a areia do deserto sob o sopro abrasador do Simoun²⁰! Oh! Minha terra de Guiné, que nunca

19 Ipê. Também existe a de floração roxa.

20 Do árabe samûn. O autor utiliza o termo francês: Simoun. Vento abrasador que sopra na África, do Norte para o Sul.

mais te verei na vida!... Na morte, porém, minha alma irá ainda uma vez visitar esses lugares tão queridos, e de que fui tão violentamente arrebatada! Éramos muitas... Muitas que folgávamos nos palmares quando fomos cercadas pelas tropas dos nossos inimigos... Maltratadas, manietadas, e assim fomos trocadas por colares, cobertores, e facas... Os brancos nos lançaram no porão de seus navios, onde já encontramos novos companheiros de desgraça! Ah! Guiné, minha terra amada, que nunca mais te verei na vida! Mais feliz, quiçá, do que minhas companheiras, coube-me uma escravidão suave... Fui amada por meus senhores... Amei-os... Mas ah! Vi-os, um após outro, expirarem a meus olhos, dobrados, esmagados pelo peso do infortúnio... Foram novos golpes para o meu coração... Oh! Meu Deus! Por que assim sempre hei de ser separada das pessoas a quem amo?!... Deixaram-me, esses míseros senhores, a única filha, fruto querido de tão ardente amor, confiada aos meus cuidados... Aos cuidados de uma preta velha!...

Sio conservou-se em longo silêncio, depois seus lábios murmuraram, com os olhos banhados em lágrimas:

– Ah! Minha terra querida, minha amada Guiné, que nunca mais te verei na vida!

O sol brilhava com todo o seu esplendor na oitava parte de sua carreira diurna.

Sio, tendo acabado de arrazoar suas galinhas, levantou-se, e entrou no primeiro quarto, onde por algum tempo se ocupou de limpar e sacudir o pó dos poucos trastes que por aí estavam.

Concluída essa tarefa, a preta entrou no quarto imediato, onde em alvíssima e fina rede dormia uma jovem, tendo a cabeça repoisada sobre o braço delicado e nu. Lençóis de deslumbrante alvura envolviam seu corpo, que se adivinhava encantador. Um agradável sonho por sem dúvida pairava nas regiões do sono, e sobre a cabeça da jovem, porque um terno e meigo sorriso entreabria seus lábios, e ternamente enrugava suas faces.

Sio esteve em muda contemplação ante ela, e por fim uma silenciosa lágrima sulcou suas faces.

– Dorme, – murmurou ela – dorme pobre órfã abandonada, entregue ao só cuidado, e amor de uma mísera preta... Que a tua mente vivamente abalada, e chocada pelos golpes do infortúnio descanse por alguns momentos!

– Minha mãe! – proferiu em sonhos a jovem.

– Sonha com sua mãe!.. Oh! Ainda é feliz... Ainda goza dessa consolação...

Sim, é feliz o filho que ainda é embalado, acalentado nos seus sonhos pela terna e sempre meiga presença de sua mãe, porque já disse um escritor francês: “ordinariamente a vista de uma mãe, seja em realidade, seja em sonhos, é uma muito doce consolação para um filho”.

– Meu pai! – ainda continuou Virgínia, pois que assim era o nome da jovem.

– Como sua pobre imaginação escaldada revê os queridos autores de seus dias – disse *Sio*, estendendo o braço para despertá-la, mas por súbito pensamento suspendeu-se. Não... Não... Seria barbaridade arrancá-la a tão doces sonhos.

E *Sio* acocorou-se junto à rede, e paciente esperou que Virgínia acordasse.

– *Sio!* Mãe *Sio!*

– Sonha comigo!

– Não ralhes comigo... Bem sabes que eu não posso... Que eu não posso...

E o sono de Virgínia que até então tinha sido pacífico tornou-se agitado. Ela revolvía-se na rede, os lençóis se escaparam de seu corpo descobrindo formas de anjo.

– Menina! Menina! – proferiu *Sio* em voz alta, sacudindo a rede.

Virgínia despertou, sentou-se na rede, e com as suas alvas e delicadas mãozinhas esfregou os olhos. Seus cabelos negros e anelados caíram em profusão sobre o colo e ombros de alabastro, agora nus.

– Então já é muito tarde, *Sio?*

– Alguma cousa, menina. Dormistes bem?

– Oh! Sim... Sim... Sonhei com minha mãe, que me olhava tão meiga... Tão meiga... Sonhei com meu pai, que me abraçava com ternura... Sonhei contigo, *Sio*, que me ralhavas....

– Ralhava! E por que em sonhos ralhava eu com a menina?

– Oh! Tu bem sabes por que... Tantas vezes me tens dito... Mas, *Sio*, eu não posso... Bem sabes que eu não posso deixar de...

– Bem... Bem. Não falemos mais em tal cousa. Vesti-vos, e vinde almoçar...

Virgínia se alevantou, calçou umas pequeninas chinelas, que assim mesmo eram demasiadamente grandes para seus delicados pezinhos.

Sio lhe deu uma túnica de fazenda branca. Virgínia encarou esse estranho vestido.

– Sempre essa túnica branca! disse a jovem com desprazer.

– É uma promessa que fiz à Santíssima Virgem da Conceição, que vos vestiríeis como Ela até...

– Até a²¹ morte, não é assim, mãe *Sio*?

– Não, menina; até que chegueis à idade em que trocareis esses vestidos por outros...

– E qual é essa idade?

– A seu tempo o sabereis.

– Sempre a mesma resposta. Olha, mãe *Sio*, tu és uma mazona para mim...

– Menina!... Mereço-vos eu isso?!

– Sim... Tu és uma mazinha, que sempre queres privar-me de...

A tais increpações de Virgínia, as lágrimas desabrocharam dos olhos de *Sio*, e inundaram seu rosto.

Virgínia, muda de espanto a encarou: depois, pendurando-se ao pescoço da negra, cobriu seu rosto de beijos.

– Perdoa-me! Perdoa a tua filha! Perdoa! Bem sabes que a minha cabeça às vezes não sei o que tem... Sinto uma confusão nela... Uma necessidade de queixar-me contra alguém... Perdoa-me!

– Pobre menina! – exclamou *Sio* com transporte, apertando o débil corpo de Virgínia com seus robustos braços e unindo sua face azevichina ao rosto alabastrino da jovem.

21 O autor, usando uma forma ainda existente em Portugal, grafa até à morte.

– Sim, mãe *Sio*, eu sou pobre, e além de pobre... Não tenho ninguém no mundo, senão tu, que ame...

– Deus é grande! Ele não abandona as suas criaturas... Ele as ama... Ele vos ama...

– Como! Deus me ama, *Sio*?

– Sim... Deus vos ama... E muito, porque sois um anjo, menina.

Virgínia, transportada e alegre com as palavras da negra, começou, no auge de seu júbilo, a correr, e saltar pelo quarto.

– Menina! Menina! Que é que tendes que estais tão louquinha?

– Louca estou, é bem verdade... mas louca de alegria... Porque Deus me ama... porque sou um anjo...

E a jovem continuou a saltar pelo quarto.

– Então não quereis hoje almoçar?

– Ah! É verdade. Esquecia-me. E eu que estou com fome – disse Virgínia, parando.

– Oh! Nada mais fácil que satisfazê-la... Vinde almoçar.

– Eu vou. Vamos, vamos.

E Virgínia, com seus ebúrneos e delicados braços, cingiu *Sio* pela cintura e, a pesar desta, a arrastou dançando para o outro quarto, onde estava servido o almoço.

Este constava de uma chávena de leite quente, ovos, e bolos.

Virgínia comeu com sofreguidão.

Sio a via comer com tristeza.

Finda a breve refeição, a jovem se levantou com impetuosidade, e se dirigiu para a porta da saída.

– Onde ides?

– Ora, vou dar um passeio...
– Eu vos acompanharei...
– Não quero.
– Uma menina não passeia só...
– Mas eu quero...
– Então não sereis mais um anjo, Deus não vos amará mais...
– Se eu for passear, Deus não me ama?...
– Oh! Que dúvida.
– Então não vou – disse Virgínia, assentando-se. – Mas *Sio*, eu me aborreço tanto... tanto, estando aqui nesta casa... tão pequena... Bem sabes que a outra...

– Na outra não deveis ir.
– Mas estou tão aborrecida... tão aborrecida!

Sio estremeceu; encarou os olhares de Virgínia, que brilhavam com estranho fulgor.

Então a negra sentou-se ao pé da jovem, e com voz monótona, e merencória começou a entoar as coplas da seguinte e antiga balada:

1º
Viajor que caminhais
Por esse trilho solitário
Para, a história escuta
Do meu cruel fadário.

2º
Dentr'as belas a mais bela
Fui eu, viajor, outrora,
Triste sempre, e mesquinha
Me vejo, viajor, agora.

3º

Ricos brocados de ouro
Meu belo corpo vestiram
Tranças d'ouro, fios de per'las
Meus lindos cabelos cobriram.

4º

Desd'a infância me ensinaram
Terno, brando, meigo riso,
A terra me transformaram
Em um vero paraíso

5º

A sorte os duros golpes
Sobre mim descarregou,
De rica que era então
Muito pobre me tornou

6º

Meus chapins eram bordados
De ouro, e prata pura,
Nus meus pés hoje porém
Se ferem na pedra dura.

7º

Dize, viajor, se alguém
Na terra tanto sofreu?
– Sim, houve – houve alguém –
Cristo, que por nós morreu!

À proporção que *Sio* prosseguia na sua canção, os olhares inflamados de Virgínia se abrandavam – suas pálpebras caíam lentamente, e por fim num estado de quase modor-

ra escutava a voz da preta que murmurava a seus ouvidos branda, e agradavelmente.

A negra observava com alegria o efeito que sua canção produzia sobre a jovem; e quando a viu inteiramente mergulhada nesse êxtase, vagarosamente se levantou e por muito tempo a contemplou com amor e ternura.

– Foram por demais fortes os abalos que sofreu... sua razão se perturbou! – murmurou ela.

– *Sio*?... – disse Virgínia, despertando.

– Eis-me aqui, menina.

– Queres saber uma coisa?

– Dizei-a.

– Estou alegre... Já não estou aborrecida, e para prova vou ver os meus pombinhos.

E a jovem se dirigiu com infantil alegria para um pequeno pombal que havia atrás da casa. *Sio* de longe a seguiu, e quando a viu bastante entretida, entregou-se às suas ocupações diárias.

Ao cair da tarde desse dia, uma vaca castanha, tendo um chocalho ao pescoço, entrou no pátio da casa. Virgínia correu ao seu encontro, festejou a vaca como se fora uma amiga.

Sio ordenhou o leite, que a jovem bebeu quente, e espumante ainda.

Quem eram essa jovem e essa preta de tão estranha fidelidade e dedicação, e que tão solitárias viviam nas matas?

A continuação do nosso romance no-lo dirá; se é que a perspicaz leitora ainda não adivinhou o mistério que en-

volve essas duas personagens, quiçá, mais importantes do nosso romance.

Se assim ainda não aconteceu, tenha paciência e leia as páginas seguintes.

VI

A ALMA DE RODRIGO

São passados alguns dias depois dos acontecimentos que temos narrado nos capítulos antecedentes.

Em uma fresca tarde, quatro indivíduos estão assentados à porta da casa da cabocla, onde Álvaro fora ter dias antes.

Dois desses indivíduos são homens, o terceiro é uma mulher, e a última, a cabocla que já conhecemos. Todos eles são de cor bronzeada, indício de raça indígena; conversam com animação; e o objeto que os ocupa é pavoroso, porquanto às vezes um tremor convulsivo agita seus corpos.

– É como vos conto, mãe Margarida – disse um dos homens, dirigindo-se à velha dona da casa – essa tapera nunca deixou de ser habitada pelas almas de seus antigos senhores.

– E quem duvida disso, João! – disse aquela a quem este se dirigiu. É verdade que por esse mundo há incrédulos, nanja eu.

– Quanto a mim, nunca pus em dúvida – reflexionou a outra mulher, que se chamava Altina.

– Não digo isso por vocês – continuou João, – que bem sei que sempre temeram as taperas, e muito principalmente taperas tais como as do comendador, mas neste mundo há muita gente como há pouco dissestes, mãe Margarida, que de tudo faz pouco, até mesmo do poder de Deus.

– Assim é João, há gentes assim...

– Olé se as há. Muitas conheço eu, que até ousam zombar das pessoas que crêem nas almas do outro mundo – disse o outro homem, a quem chamaremos Anselmo.

– Gente condenada já em vida. O que vos posso assegurar é que brevemente veremos alguma coisa horrenda.

– E por quê?

– Por quê? E ainda me perguntam vocês?!...

– Sim... Sim... Por quê?

– Porque a alma de Rodrigo, que há muito tempo não se via, apareceu de novo na tapera...

– Quem a viu?

– Quem a viu? Eu, e Anselmo.

– Como?

– Não é verdade, Anselmo, que vimos a alma de Rodrigo?

– Olé se a vimos.

– Há muito tempo que ela não aparecia neste mundo. Dizes bem, João; alguma coisa espantosa está para acontecer. Todas as vezes que o mau volta a este mundo é para

praticar algum ato de malvadeza. Em 1825 viu-se, meu pai viu, a alma de Rodrigo, e nesse ano houve uma grande seca; depois ninguém mais a viu, senão em 1839, em que houve a revolução de Raimundo Balaio! E agora, meu Deus! Que males virá sua aparição causar a esta terra?! – exclamou Margarida, aterrorizada.

– Quem os pode adivinhar!

– Mas como é que vocês viram essa alma que, ainda depois de morto o corpo, continua a flagelar os humanos?

– Eu vos conto, mãe Margarida.

– Anda, anda, que estou sequiosa.

João tossiu, escarrou, depois se conservou silencioso por algum tempo, como o orador que tem de desenvolver ante um auditório inteligente uma tese controvertida e que vai esforçar-se por fazer penetrar a convicção no ânimo de seus ouvintes.

O pequeno auditório respeitou essas preparações oratórias do narrador.

– Conto-vos – disse João com voz grave – conto-vos o que nos sucedeu, o que vimos, eu e Anselmo, porque sei que dareis inteiro crédito às minhas palavras, que se assim não fora, outro que nanja eu, falaria em tal. Anselmo certificará minhas palavras, quando os fatos que elas contarem vos pareçam mais exagerados.

João ainda se calou depois desse pequeno exórdio, e depois continuou com voz grave e pausada.

– Há dias eu, e Anselmo, que presente está, e que não me deixará mentir...

Anselmo inclinou a cabeça em sinal afirmativo.

– Eu e Anselmo – prosseguiu João – há dias fomos fazer uma caçada para as bandas da tapera que, como mui bem sabeis, abunda em veação de toda espécie. Já tínhamos matado algumas cotias e pacas quando à nossa frente nos apareceu um caititu²². Logo à primeira vista me pareceu ele um bicho mandado. Não pensaste o mesmo, Anselmo?

– Olé se o pensei!

– Como ia dizendo, apareceu-nos um caititu, que parecia cousa mandada, porquanto aparecia, desaparecia, sumia-se, tornava a aparecer, com uma rapidez incrível, era mesmo de cegar a gente; isto seria pelas quatro horas da tarde; eu e Anselmo já estávamos fatigados, e com fome, mas criei uma tal cobiça ao maldito porco, que parecia mesmo uma feitiçaria. Começo então a persegui-lo para ver se conseguia encová-lo, porém qual! Corria, corria cada vez mais, e quando julgava tê-lo perdido, eis que aparece quase a meus pés... Então, mãe Margarida, não era um bicho mandado?

– Está me parecendo que sim. Mas por que não o arrenegaste? E esconjuraste?

– Não vos disse que eu estava como enfeitiçado? Não me lembrei disso.

– E Anselmo, por que não o arrenegou?

– Olé, mãe Margarida, – disse este – porque sou da mesma carne e do mesmo osso que João.

²² A espécie menor do porco-do mato. Também chamado cateto e cate-te. (Cf. HERING, 1968, p. 182)

– Entendo-te, entendo-te... Tens razão.

– Ora pois – continuou João. Nunca consegui encovar o maldito porco, que parecia mesmo caçoar comigo. Então zangado levei a arma à mira, disparei depois de ter apontado com certeza, mas julgai da minha surpresa quando vi o caititu vivo, e são, olhando fitamente para mim. Confesso que tamanha audácia me causou medo. Pegando pelo cano da arma, levantando-a com ambas as mãos, prestes a descarregar a pancada, avancei com coragem ao porco, que adivinhando minhas intenções se afasta de mim lentamente, guardando entre nós sempre a mesma distância. Eu e Anselmo o seguimos, eu com a arma levantada, e Anselmo empunhando seu terçado.

Assim o perseguimos cerca de uma hora, quando repentinamente nos achamos junto à casa da tapera, e vimos o porco subir a escada da varanda. Paramos fora receosos; acendemos fogo para preparar nossa refeição, que concluímos quando o sol se ocultava entre as árvores. Depois de havermos descansado um pouco, nos preparávamos a deixar esse lugar maldito, quando vimos brilhar na casa duas tochas, que não projetavam raios, e nem esclareciam as trevas, e pareciam dois enormes carvões acesos. Depois distinguimos um vulto que ora crescia, ora diminuía, e que girava pela casa. Pudemos mais conhecer que o que julgávamos carvões acesos eram os olhos do vulto.

– Jesus! – exclamaram as duas mulheres.

– Sim, eram os olhos do vulto, que outra coisa não era senão a alma de Rodrigo.

– E o porco?

– Ora, está visto que era esse malvado que assim se transformou para nos atrair ao laço que nos havia armado; mas felizmente somos crentes em Deus, e tememos a alma dos mortos; se mais animados e fanfarrões fôssemos, feito era de nós.

– Sempre escapastes de boa – disse Margarida – Era sim, era o maldito Rodrigo, que vos queria perder, e que para isso se transformou em porco. Ah! Meu Deus! Quais são os males que nos afligirão?!

– Não há muito tempo – disse Anselmo – que André, filho da velha Teodora, aí vira também duas luzes; antes já Paulo, o coxo, me tinha contado igual história... Donde conjeturo que há seguramente 15 dias que a alma de Rodrigo voltou a este mundo para praticar novos malefícios.

– E não vistes o caititu.

– Nem mais nos importamos dele, e o mais depressa possível tratamos de abandonar a tapera, para assim evitarmos segundo laço, visto que, com socorro de Nossa Senhora, escapamos ao primeiro. E ai daquele que de hoje em diante não estiver de sobreaviso, que certa tem a perdição de sua alma!

– Dizes bem, João; ninguém pode saber com que fito volta o mau a este mundo; para bem, certa estou, que não é.

– Olé se não é, mãe Margarida; se fora, tantos não fugiriam de sua antiga morada, e nem sua geração acabaria como acabou.

– É que os brados de justiça que Guatiana e Darocauana soltaram sob o azorrague foram ouvidos por Deus, que julgou não deixar impune tamanha crueldade.

– Mas, segundo dizem, ainda vive uma descendente desse homem maldito – reflexionou João.

– Sim, sim. Dizem que vive, porém arrastando uma vida miserável... É uma jovem, segundo dizem, de extremada beleza, mas possuída pelo demônio. Ninguém a viu jamais na igreja, nem nas ladainhas que fazemos, não sabe rezar, nem mesmo persignar-se: uma negra velha, talvez o próprio diabo assim mudado, com ela unicamente vive. Tem de vez em quando desvarios terríveis, urra, berra, e faz não sei quantas diabruras. Ninguém a vê, e ninguém pode vê-la.

– Mas como é que, não sendo vista por alguém, tanto se sabe a seu respeito? – perguntou Altina.

– És uma tolinha, Altina, pois para saber-se tais cousas é preciso ver-se?... Deus mesmo, por meio de uma criatura sua, espalha essas verdades, para que todos evitem a casa do endemoninhado, e fujam a um ente tão perigoso.

– Mas quem foi essa criatura mandada por Deus?

– Deus o sabe, e mais ninguém. De toda essa raça maldita, que julgávamos extinta sobre a terra, só resta ela talvez, que todos tem o Diabo arrebatado. Essa jovem é revestida da beleza da Sereia, sempre traja de branco, segundo dizem, para aparentar candura, mas tudo isso são artes do Demo, para assim, e por intermédio dessa sua escrava, perder mais almas e aumentar o número de seus vassalos.

Daqui verá a leitora qual o juízo que o vulgo forma das taperas, e o que a respeito de Virgínia, pois que infalivelmente terá adivinhado que dela tratavam, formavam mãe Margarida e os seus conterrâneos.

Bastava ser ela descendente desse Rodrigo, que tão mal pintara Margarida a Álvaro para que a julgassem tão má, tão possuída do Demônio, como fora esse seu antepassado.

As sentenças do povo, quando são baseadas num defeito ou vício particular, ferem de morte ao condenado, e toda a sua prole.

O povo se julga às vezes o tribunal de Deus para punir um crime, e que, portanto, estando ele inspirado pelo Supremo Ser, suas sentenças são infalíveis, e justas.

Mas ai! Quantas o contrário não acontece. “O povo não sabe fazer raciocínios intrincados; julga sempre pela verdade”, disse um hábil escritor nosso. Não pretendemos combater essa proposição, porque muito respeitamos a mão que a escreveu, porém quantas e quantas vezes a mentira, vestindo as roupas da verdade, não ilude aos homens, já tão sujeitos ao erro?

Não queremos avançar a mais, e pedimos à leitora que leia as seguintes páginas se quer saber o desfecho do nosso romance.

VII

VITORIANA

Álvaro abalado ainda pelo que ouvira à velha cabocla, comovido pela história de Guatiana e Darocauana, compenetrado do mistério que cercava a tapera, vacilando em dar crédito às abusões do vulgo, inclinava-se, contudo, às vezes a crer no sobrenatural; e entregue a uma melancolia profunda, de tudo se olvidava, de tudo se descuidava.

Adélia lhe aparecia, nos momentos de suas profundas meditações, aos olhos da alma, como uma pessoa querida, porém que já não existe, e revestida pela imaginação de formas vaporosas, e indizíveis.

Por detrás dela, porém, essa jovem meiga, merencória, bela, radiosa, sempre surgia... Sempre esse fantasma brilhante, essa mulher-visão lhe vinha roubar os pensamentos que deveriam ser dedicados à Adélia.

A tristeza e a melancolia do mancebo aumentavam de dia em dia, não mais administrava e inspecionava o serviço de seus escravos, que não o viam mais entregar-se a seus trabalhos costumados.

Muitas vezes armado de uma lazarina, e mais trens de caça, internava-se pelos matos e só voltava ao cair da noite, sempre com a arma carregada, e a bolsa de caça vazia.

Oh! Ele amava a um ser, a uma mulher ou a um fantasma? Não sabia.

Porém amava perdida e loucamente. E no seu desespero amoroso procurava ele só descobrir o mistério da tapera, donde todos fugiam.

Aí ainda passou umas noites, mas viu raras vezes a visão.

Não foi mais à casa de Gomes e nem sequer tentou apadrinhar sua ausência com pretextos alguns.

Próximo à fazenda de seu pai, e de que era ele administrador, havia, no mais cerrado da mata, uma clareira sempre sombreada pelas gigantes árvores que a circundavam, e tapetada por fino, rasteiro e verde capim.

A um lado, um regato límpido e cristalino corria, susurrando sobre um leito de seixos, e fina areia amarela, indo-se perder nas matas.

A amenidão, a frescura do lugar convidava inúmeros pássaros a virem nas franças das árvores trançar seus ninhos, e fecundar a prole futura.

Assim, quer ao alvorecer do dia, quer ao cair da noite, quando os plumíferos cantores deixavam, ou buscavam seu poiso, era um encanto entrar nesses momentos em tal lugar.

Infindos, variados gorjeios e trinados enchiam o espaço, casando-se com o sussurrar do regato, o ciciar da brisa nas folhas do bosque; o perfume suave das agrestes flores embalsamando a brisa, tudo fazia crer um jardim encantado das *Mil e Uma Noites*, para onde fôssemos transportados pelo poder mágico de alguma fada ou gênio.

As harpas eóleas meigamente tangidas pela brisa da tarde por certo que não desprendiam sons mais agradáveis para a alma, e arrebatadores aos sentidos, do que todos esses sons, todos esses murmúrios, todas essas vozes da natureza, todos esses hinos da criação ao Criador, capazes por si só de inspirarem poesia ainda mesmo no coração mais prosaico da terra.

Para aí, pois, se dirigia Álvaro quase todos os dias, quando dizia ir caçar, e assentando-se no tronco de um velho cedreiro derrubado pelas tempestades, com o rosto encostado na sua arma, passava horas esquecidas mergulhado no incerto flutuar de seus pensamentos, sem poder, sem ousar sustar sua impetuosa corrente.

Aí tudo era poético, tudo sublime, tudo grandioso, e tudo lhe falava da sua visão.

No murmúrio do regato, julgava ele ouvir o murmurar de seus lábios, no gorjeio dos passarinhos, os gorjeios de sua garganta, no roçar das folhas, o roçar de sua túnica, e nos suspiros da brisa, os suspiros desse anjo, mulher ou fantasma!

Aí, à margem do regato, construía o mancebo uma cabana, onde vinha passar suas melancólicas horas entregue a amorosos pensamentos.

Um dia em que Álvaro madrugara, tendo passado uma noite atribulada, em que risonhos, e aprazíveis sonhos se transformavam para logo em horrorosos e terríveis, dirigiu-se para esse lugar querido, armado, como soía, como para uma caçada.

O sol já ia alto quando ele foi despertado de suas meditações pelo roçar de um corpo na folhagem, e o estalar de alguns ramos. Álvaro de um pulo se pôs de pé, com a arma aparelhada, quando viu ante ele aparecer uma preta velha banhada em lágrimas.

O mancebo caiu assentado no mesmo tronco do cedreiro que lhe servia de cadeira, e entregou-se a seus pensamentos sem mais importar-se da preta.

Esta, com grande pasmo, viu o mancebo neste lugar, viu-o lançar mão de sua arma, e parou; viu-o depois cair abatido, adiantou-se mais encorajada, limpando suas lágrimas com as costas de suas calosas mãos.

– Deus vos guarde, meu bom Senhor! – disse ela, acercando-se do mancebo.

Este, porém, não se moveu.

– Oh! – pensou ela – Alguma dor o acomete! – e depois proferiu em voz mais alta – Deus vos guarde, meu Senhor!

– De quem és? – inquiriu Álvaro, alevantando a cabeça caída sobre o peito, como se lhe pesasse.

– De Deus primeiramente, e depois escrava de todos os brancos.

– Estás fugida?

– Fora mister que meu senhor, que tão bom era, voltasse do outro mundo, para a isso me obrigar.

– Quem era teu senhor?
– Meu senhor?! Oh! Era o melhor, e foi o mais infeliz dos homens.

– Como se chamava?

– O Comendador Fernando Alves.

– O Comendador Fernando! – exclamou Álvaro, dando um pulo como se o tivesse mordido uma cobra.

– O Comendador! O Comendador!

– Conheceste-lo?

– Não... mas ouvi falar dele...Tinha uma família, uma fazenda, porém tudo o diabo lhe levou.

A preta velha encarou admirada para o mancebo e depois lhe perguntou:

– Meu Senhor crê no diabo?

– Creio em Deus... – disse Álvaro, estremecendo malgrado seu à ingênua pergunta da velha.

– Deve também crer no diabo, não no que dizem mora no inferno, mas no que mora neste mundo. Dissestes muito bem, meu Senhor. O Comendador Fernando tinha uma família, possuía uma fazenda, mas o diabo matou a primeira e levou a segunda! Há desastres, há ruínas, há homens que só parecem feituradas do diabo: meu bom Senhor foi vítima de um, que não contente de roubar-lhe os bens, roubou a ele e à sua família a honra, e a vida! Oh! Dói... Dói muito!

E a preta começou a soluçar.

Álvaro respeitou a sua dor, aguardou que o último soluço morresse em seus lábios; e ainda mais, deu tempo a ela

de assenhorear-se de seus pesares, e então, com voz branda, indicando a relva, disse-lhe:

– Assenta-te, velha, e conversemos. Eu também sofro; profunda mágoa me enche o peito, e nada há neste mundo que nos encoraje a sofrer nossas dores, que sabemos que maiores, mais atroz, quebraram outros peitos. É egoísmo da nossa parte, bem sei. Teu senhor tinha uma família, tinha uma fazenda, tudo lhe roubaram, e ainda mais, a honra! Oh! Isto é atroz! Oh! Isto é cruel! Oh! Conta-me, conta-me a história de uma família inteira... De uma família que foi senhora dessa tapera que tanto me preocupa, e tanto me interessa!

A velha olhou espantada para Álvaro, e viu com admiração o calor de suas palavras, sobretudo quando falava na tapera. Assentou-se a seus pés na relva.

– Branco manda, – disse ela – e preto obedece.

– Sim, sim, eu mando!

A velha calou-se como coordenando seus pensamentos: meditou por algum tempo, e uma nuvem de tristeza se espalhou por esse rosto negro e enrugado; e soltando um ai! doído, principiou nestes termos:

– Quando eu, Guanza, vivia errando nos palmares de minha terra, a minha formosa Guiné, que meus olhos na vida jamais verão, Fernando vivia na sua fazenda espalhando amor entre seus escravos, que o eram mais pela afeição que pelo rigor. Guanza foi roubada, lançada no fundo de um porão, e levada para a terra dos brancos, onde Fernando a comprou, e fazendo-a batizar com o nome de Vitoria-

na a levou para sua fazenda. Quando aí cheguei, sua mulher dava à luz uma menina.

– Fernando teve uma filha?! – exclamou Álvaro, interrompendo-a.

– Sim, meu Senhor Fernando teve uma filha, bela como a Mãe de Deus. Essa menina crescia rodeada de amor, e carinhos de todos, quando a guerra de Raimundo *Balaio*²³ obrigou meu Senhor a ir para a Capital. Oh! Aí começaram suas desditas... Aí o aguardava o diabo para consumir sua obra do inferno. Havia um negociante que diziam honrado, e que era correspondente de meu Senhor. Esse homem, logo que soube de sua chegada à capital, foi à sua casa e lhe ofereceu seus préstimos, franqueando-lhe o seu cofre. Meu Senhor, coitado! Tendo saído subitamente, nada levou consigo; portanto de tudo carecia. Assim, aceitou com reconhecimento os oferecimentos desse homem, confiado na sua honradez e caráter sisudo. Meu Senhor demorou-se na capital um ano; e, estando pacificada a rebelião, determinou voltar à sua fazenda, que poucos estragos havia sofrido em comparação às outras, tendo-se seus escravos continuado fiéis e dedicados, porquanto nenhum deles seguiu a Cosme.

A velha, em quem sem dúvida já terá a leitora reconhecido mãe *Sio*, calou-se por algum tempo. Álvaro, que malgrado seu se interessava muito na história de Fernando, prestava grande atenção a suas palavras, e respeitou seu silêncio.

23 Chefe da Balaiada, já anteriormente referido.

– Meu Senhor Fernando – prosseguiu mãe *Sio* – comunicou sua resolução ao homem que tantos favores lhe havia prestado, e este muito, e muito aprovou tal deliberação. Dias antes da partida de meu Senhor para sua fazenda, recebeu este um recado de seu correspondente que lhe rogava aparecesse no seu escritório. Quem mal não pensa, mal não cuida; meu Senhor achou isso muito natural, e no dia seguinte se apresentou na casa de seu correspondente, que o recebeu com o riso nos lábios! Oh! Era o riso de Satanás! Depois de lembrar a meu Senhor todos os serviços e favores que lhe havia prestado, depois de muito gabar-se de sua honradez e inteireza de caráter, finaliza esse homem dizendo: “Meu caro amigo, bem sabeis que todos somos mortais, e portanto devemos sempre estar preparados para a morte, e termos os nossos negócios em dia para que nossos filhos não sofram as consequências fatais do nosso desleixo.” Meu Senhor o encarava espantado. O correspondente continuou: “Oh! Não digo isto para vos ofender. Deveis-me não pequena quantia, cujo pagamento não exijo, pois bem sei que não o podeis fazer agora.” “E em quanto importa o meu débito?”, perguntou meu Senhor. “Mandei tirar uma conta corrente, e por ela melhor vereis, e me direis as dúvidas que ela vos oferecer”, disse esse homem, apresentando a meu senhor uma conta onde se via um saldo a seu favor de dezesseis contos de réis.

– Oh! – exclamou Álvaro – Era muito para um ano!

– Vós o dissestes, meu branco! Era muito, foi um roubo!
O correspondente – disse *Sio* – continuou: “Vedes por essa

conta que me deveis dezesseis contos de réis. Mas... ponde dúvidas? Não é para admirar. Quando precisáveis de dinheiro, e o mandáveis buscar pelos vossos escravos, nunca pus dúvidas em remetê-lo... Agora chegou a vez de mo pagardes... Duvidais da minha conta... Duvidais da minha honra comercial!... Não me admiro, repito, isso vemos todos os dias... É costume... É um pretexto para não pagarem o que se nos deve. Ó, Senhor? Dignai-vos dizer-me quais são as parcelas que vos parecem duvidosas!...” Meu Senhor, chocado, ofendido pelo tom sarcástico que tomava o correspondente, clamou indignado: “Não tenho dúvidas... Vosso crédito será inteiramente pago assim que eu chegar à minha fazenda... E queira dar-me suas ordens...” Um sorriso de infernal contentamento brilhou nos lábios do negociante, que com voz branda, e afável, disse: “Victor-sério²⁴? Não é para zangar-vos, meu rico Senhor! Por uma bagatela não havemos de cortar relações antigas. Podeis pagar-me quando, e como quiserdes, mas, como há pouco vos disse, há morrer e viver, e um de nós pode faltar, assim tereis a bondade de passar-me letras dessa importância, com os juros, e prazos que vos convier; cumprindo-me, porém, advertir-vos que o prazo da praça é de seis meses, e os juros de um e meio por cento. Mas eu vo-lo afianço sob palavra de honra que a estipulação dos juros será para mim letra morta, e que ficais com livre arbítrio para esse pagamento.” Meu Senhor assinou tudo quanto quis esse homem, no firme propósito

24 Significa Menos isso!

de mandá-lo embolsar logo que chegasse ao seu estabelecimento. Dias depois, meu Senhor e sua família abandonaram a capital. Dizer-vos o estado em que ele achou a fazenda seria longo, baste dizer-vos que teve necessidade de comprar novos acessórios. No fim de oito meses, quando meu Senhor aguardava uma abundante colheita, suas roças foram incendiadas pelo imperdoável descuido de um preto. Logo que teve lugar esse desastre, meu Senhor escreveu ao seu credor expondo-lhe tudo: e este lhe mandou dizer, depois de novamente lhe protestar sua amizade, que não se agoniasse por causa do que lhe devia. Assim decorreu mais um ano e meio, quando um dia meu Senhor recebeu uma citação desse homem para vir pagar-lhe o capital e juros vencidos, na importância de vinte e um contos e tantos mil réis. Quando a roda desanda não há quem a possa parar, assim lhe aconteceu, porquanto tendo os outros credores seguido o exemplo desse negociante, todos os dias meu Senhor recebia novas citações, e ele honrado como era, reconheceu e confessou suas dívidas, e recolheu-se em sua casa. Passados três meses, um dia muito cedo, apresentaram-se na fazenda dois oficiais de Justiça, acompanhados de uma escolta, e penhoraram tudo, dando a meu senhor o prazo de sessenta dias para despejar a casa... Mas ah! Ao cabo de oito, meu infeliz senhor era levado por aquela donde ninguém jamais o expelirá...

– Morreu?!... – exclamou Álvaro com horror.

– Morreu, sim, meu branco, morreu de dor, morreu por um abuso de amizade e confiança, expirou nestes braços

negros, e magros – disse *Sio*, banhada em lágrimas, ajuntando o acenado às palavras. – Eu só, – prosseguiu – eu só lhes fiquei, porque muito antes me tinha ele alforriado.

– E a mulher de teu senhor?

– No dia da penhora endoudeceu...

– Oh! Foi muita malvadeza! – disse Álvaro com dor, deixando a cabeça pender-lhe sobre o peito; e, depois de algum tempo, alevantando-a com custo, perguntou a *Sio*, que o olhava admirada:

– E a filha de teu senhor?!...

– Essa – respondeu ela, soltando um ai dorido saído do coração – Oh! Essa, vendo seu pai morrer, e sua mãe louca expirar logo após ele... Essa jovem pura, bela, perdeu o siso...

– Douda também?!...

– Louca sim, meu Senhor, louca também!

Ambos se conservaram mudos por algum tempo, entregues cada um quiçá aos mesmos pensamentos. Foi ainda Álvaro que interrompeu esse silêncio.

– E como se chama esse negociante, esse homem mau, esse perverso amigo?

– Oh! Quereis saber o seu nome? Jurei que meus lábios jamais o profeririam, a menos que...

– Eu exijo...

– Pois bem... Posso satisfazer vossa curiosidade sem faltar meu juramento. Esse negociante chama-se Guido d'Oliveira.

– Guido d'Oliveira! – exclamou Álvaro, aterrado, pondo-se de pé – Oh! Meu pai!

E espantado fugiu; internou-se pela mata.

Sio, como impelida por uma mola, se alevantou, e erguendo o braço, sublime e grandiosa, exclamou com voz solene:

– Teu pai! Oh! Então maldito sejas tu como já ele é maldito!

Um grito estrugiu na mata, e os ecos da floresta o repercutiram por bastante tempo.

Sio caiu assentada no tronco onde estivera Álvaro.

VIII

OS INCENDIÁRIOS

Para melhor compreensão do que acabamos de narrar no capítulo antecedente, mister é que retrogrademos na nossa narrativa.

Depois da conversação havida à porta da casa de Margarida entre esta, Altina, João e Anselmo, e que fez o objeto do capítulo sexto, em uma tarde aprazível estão no mesmo lugar essas pessoas, e muitos outros homens, e mulheres, entrando nesse número André, filho da velha Teodora, e Paulo, o coxo, a que João já se referira.

Os homens estão todos assentados em círculo, no chão, sobre umas meaçabas²⁵; Margarida e outras mulheres for-

25 Esteira de palha de babaçu. Também se fazem vassouras dessa palha.

mam um grupo à parte, entregue à tarefa de confeccionar fachos de pindoba seca, que amarram em feixes com fio.

O conselho, dos homens bem entendido, está em plena sessão, e conquanto haja discordância nas propostas, meios que se devem empregar, todas as opiniões convergem para um mesmo ponto.

A discussão melhormente elucidará a leitora do objeto dela.

– Devemos pensar – disse um caboclo velho – antes de fazer o que pretendemos... Eu bem sei que isso redundará em bem de todos, mas quem nos diz que ela não tem dono?

– Ora... Ora... Essa é boa... Se tivesse não estaria no estado em que está...

– E por ele vê-se que o dono a abandonou e que não se importa mais dela.

– E tanto assim que só serve de covil a feiticeiros, diabos e almas do outro mundo! Portanto, fogo nela.

– Sim... Fogo... Fogo! – clamaram homens e mulheres com grande gritaria.

– Eu não digo que não, – disse Paulo – que pai Teodoro não tenha razão, mas pai Teodoro deve pensar que nós queimando a casa da tapera, queimamos a casa do diabo, e assim não poderá ele mais atrair os incautos caminhantes; e os feiticeiros não poderão mais aí fazerem seus feitiços, e assim livramos esta terra do mau gênio que persegue seus habitantes.

– Tens muita razão, Paulo, – disse Teodoro – porém eu ouvi dizer que essa tapera era de um negociante chamado Guido, que a tomou ao Sr. Fernando por dívidas... Foi no meu tempo, e desde então...

– Desde então sua casa não serviu para mais ninguém, senão para o diabo, que ainda há bem poucos dias andava por lá fazendo suas diabruras, João e Anselmo viram-no. Antes já eu também o vira.

– E antes de ti, eu o vi – disse André.

– Pai Teodoro – disse João – não deveis opor-vos a que queimemos essa casa infernal. Deveis lembrar-vos da história do caititu, que vos contei.

– Valha-me Deus, rapazes, eu não me oponho, apenas, como entendo do meu dever; como mais velho, vos apresento algumas reflexões; não me atendem, lá se avenham.

– Pois o dono, esse Sr. Guido, que me venha tomar contas, disse, pondo-se de pé, um caboclo reforçado, de formas hercúleas, chamado Gaspar. Ele que venha, que eu lhe cantarei uma cantiga tão bonita, que ele ficará azoinado.

– Viva Gaspar! Viva Gaspar! – clamaram diversas vozes.

– Sim, rapazes, – continuou este, sempre de pé no centro do círculo – eu só responderei por todos. Quando perguntarem: “Quem queimou a casa da tapera?” Responderão: “Foi Gaspar.” E deixem o resto por minha conta. Outros tenham medo, nanja eu...

– Nem eu.

– Nem eu.

E todos se levantaram tumultuosamente protestando sua coragem.

Daqui compreenderá a leitora que se tratava de nada menos que incendiar a casa da tapera, e para o que já se preparavam os fachos.

Quando uma ideia, ainda mesmo a mais absurda, entra na cabeça do povo, temeridade será, será perigoso querer arredá-lo de pô-la em execução, e muito principalmente quando ele se julga a isso autorizado pelo *bem comum*, para afastar do país calamidades sonhadas, quando às vezes é ele que as chama pela execução do seu pensamento.

Dizem que o povo obra sempre inspirado por Deus e que, quando uma ideia particular tem recebido a sanção geral, torna-se ela um decreto da Providência, que força é respeitar e cumprir.

Quando um povo se rebela para derrubar tronos, é sempre Deus que, diz ele, o mandou rebelar-se... E que, portanto, os seus motivos, os seus fins são sempre justos... Mas aí! Quantas vezes o contrário não vemos.

Para, pois, evitarem, para cortarem os males que a aparição de Rodrigo, sua alma ou o diabo sempre prognosticava, determinaram os moradores circunvizinhos incendiar a casa, para assim, reduzindo-a a cinzas, conjurarem calamidades vindouras.

Foi ainda Teodoro que impôs silêncio à vozeria e tumulto, tendo só ele se conservado assentado.

– Quem será o arrojado – disse ele com arrogância – que se atreva a afiançar que eu, Teodoro Brasil, ainda descendente da valorosa tribo Timbira²⁶, tem medo? Porventura a coragem é inimiga da prudência?!...

26 Considerado um povo extinto por Gonçalves Dias, que o canta em *Os Timbiras*, poema épico de que só foram publicados quatro cantos, e em “I-Juca-Pirama”, no qual um índio Tupi é feito prisioneiro pelos Timbiras.

Todos silenciosos o escutaram, e ninguém ousou aceitar o desafio.

– Tendes – prosseguiu Teodoro – tu, João, tu, Anselmo, e tu, Paulo, e André, tendes visto por diversas vezes a alma de Rodrigo, ou o diabo, que vem a ser a mesma cousa, na sua tapera! Temeis desgraças e transtornos. Pretendeis, queimando a casa, matar o poder maléfico de Rodrigo, e romper e quebrar o pacto feito por ele com o diabo!... Mas onde está essa alma tão pura, e imaculada que só tem o poder de o reconciliar com Deus... Onde está ela, loucos?!... Queimai a casa, reduzi-a a um montão de cinzas... Embora... Vereis no meio das chamas pairar um mocho negro, onde se agasalha essa alma... Onde está aquela que a deve resgatar?... Onde está o único ente que pode quebrar talismã mágico e diabólico, onde está?! Oh! Queimai, queimai a casa! Oh! A hora ainda não soou, ainda não chegou o momento em que o poder de Deus deve aniquilar o anjo mau. Quem nos diz que ainda não apareceu essa alma pura, mesmo por mandado de Deus, que assim quer castigar o malvado Rodrigo... Oh! Queimai, queimai a casa e quiçá, sobre vós só, os incendiários, atraireis os males que se deverão derramar entre todos os moradores destas ribeiras... Queimai, queimai a casa da tapera do Comendador Fernando.

Um trovão ribombou no horizonte, todos estremeeceram, e um temor convulsivo agitou os férreos músculos desses homens, e um frio glacial invadiu seus corpos.

As palavras de Teodoro, alteradas pelo calor do discurso, ecoavam fúnebre e lugubrememente na floresta, e morno

silêncio sucedeu a elas: e o velho percorreu as fileiras do círculo com um olhar vitorioso.

No meio do silêncio, retiniu uma voz trêmula, porém argentina. Era a de Margarida, que se havia aproximado do círculo, temerosa pelas palavras de Teodoro; e aceitando a luva da discussão, se apresentou firme na arena.

– Treslouca, – disse ela – treslouca aquele que teme o poder do diabo, e não confia no de Deus! Treslouca ainda aquele que descendente da valente tribo timbira, afasta seus irmãos de consumarem uma obra meritória e grande. Se os antigos nossos pajés te ouvissem, Teodoro, julgar-te-iam feitura d'Anhangá²⁷. Por que é, que só nos caboclos, descendentes das tribos de Daracauana, e Guatiana, tivemos semelhante projeto? Oh! Foi porque Deus nos alumiu na mente tal pensamento, para sermos os vingadores desses nossos antepassados.

Uma corrente elétrica de entusiasmo correu pelos membros desses homens, ainda há pouco tão silenciosos e frios: puseram-se de pé e um só brado se escapou de tantos lábios:

– Fogo! Fogo na tapera! – exclamaram, e estendendo seus robustos braços, prosseguiram – Os fachos! Os fachos!

– Ei-los, ei-los! – bradaram as mulheres, distribuindo-os.

– Um instante, rapazes – disse Margarida – Aqueles que vão lutar com o diabo devem levar a alma bem cheia de contrição, muita fé, e esperança em Deus! Ajoelhai! Ajoe-

27 Entidade maligna dos indígenas (NAVARRO, 1998, p.601). Gonçalves Dias faz referência a ele no “Canto do Piaga”, e Villa-Lobos, em “O Canto do Pajé”, gravado, entre outros cantores, por Maria Bethânia.

lhai todos! Vamos dirigir uma oração à Santíssima Mãe para que ela nos socorra... E ampare!...

Todos, obedecendo à voz de Margarida, se ajoelharam, conservando-se apenas esta em pé na frente do grupo, e com voz alta e vibrante entoou o hino de Nossa Senhora, que era repetido em coro pelos mais.

O sol no ocaso difundia sobre a terra raios de uma opaca claridade, iluminando brandamente esse grupo de homens ajoelhados e essa velha cabocla em pé, com os brancos cabelos caídos pelos ombros, e que refletidos pela roxa luz do sol pareciam doirados.

Mais além, o bosque já envolvido em sombras formava o fundo escuro desse quadro, fazendo ainda mais destacar o grupo avermelhado.

Esse hino entoado por tantos homens robustos, prostrados por terra, em tal hora, em que pediam a proteção da Virgem Santíssima, esse hino repetido pelos ecos da floresta, pelas cavidades da terra, tinha um cunho de tanta magnanimidade, de tão sublime, de tanta religião, que dobraria a alma menos crente, e obrigaria o mais incrédulo a dobrar os joelhos, inclinar a frente, e juntar sua voz a tantas vozes.

Era uma cena sublime de devoção, e grandeza, iluminada pelos raios o sol, que se despedia da terra alegre por ter sido testemunha de um ato de tanta veneração ao verdadeiro Deus.

Já a noite estendia sobre a terra o seu manto de trevas, quando esses homens se levantaram, tendo finalizado a oração; e se internaram pelos bosques em demanda da ta-pera do Comendador.

Ao cabo de algum tempo, aí chegaram.

Alguns homens se empregaram em reunir junto à casa grande porção de ramos e palha seca, para que a combustão fosse mais rápida e violenta, e durante que se ocupavam assim, viram eles um vulto, todo alvo, que girava pela casa.

Lançaram fogo aos combustíveis, e em breve a casa foi envolvida por uma língua de fogo, que como uma enorme cobra subia em milhares de ondulações até o teto, donde descia empurrada pela brisa da noite.

No momento em que o incêndio se ateou, viram todos o mesmo vulto branco, que, espavorido, fugia, internando-se pelo mato.

Todos recuaram medrosos, lançando um grito uníssono:
– O Diabo!

Daí a pouco a casa não era mais que uma imensa fogueira, e o madeiramento estalava com fragor, e caía com estrondo.

Uma enorme cobra, pacífica moradora dessa casa, sentindo-se circundada pelo fogo, em procura de um lugar por onde pudesse fugir, subia silvante pelo madeiramento do teto, e daí encarava com olhos injetados de sangue a esses homens, que enchiam medrosos o antigo pátio da fazenda.

A cobra, conhecendo afinal que não havia para ela salvação possível, arrojou-se com desespero nas chamas, que para logo a consumiram.

Um *urrah!* de alegria escapou de todos esses peitos.

Os caboclos aguardaram até que não lhes ficasse a menor dúvida de que a casa seria totalmente consumida pelo fogo: e, quando viram o incêndio mais ateado, se retiraram.

No dia seguinte, a casa da tapera do Comendador era um montão de cinzas.

IX

DUAS VIRGENS

Ao despontar de um dia brilhante, em que o sol surgia no horizonte radioso, espalhando sobre a terra um calor grato, fazendo ressumar o perfume nas pétalas das flores campesinas, secando as gotas do orvalho, que como diamantes pendiam nas folhas das árvores, despertando os cantores alados de seu sono matinal, atraindo para o éter os sutis vapores da terra, Adélia estava assentada sob o seu caramanchel²⁸.

O desbotado de seus lábios e faces, o desleixo de seu penteado, o abandono de seus atavios, a melancolia que do-

28 O mesmo que caramanchão.

minava em seu rosto, o langor de seus olhares, tudo indicava profundo, atroz e veemente sofrer.

Vestia um ligeiro roupão de finíssima tela branca, só preso nos ombros, caindo-lhe livre sobre o corpo em imensas pregas: estava assentada com os braços pendidos, a fronte caída, o olhar incerto e preguiçoso.

Essa prostração, esse abatimento corpóreo era, e é, sinal, maior ainda, que os transportes de desespero, de uma grande, e sublime dor.

E Adélia sofria porventura?

Sim – sim, sofria!

Que importa que ela, idealizando seu amor, colocando o objeto dele nas regiões celestes, se extasiasse na contemplação de suas perfeições e virtudes fantasiadas!

Porventura no mundo podemos amar ao que não é do mundo, podemos contentar as exigências da carne com os manjares aéreos, e intelectuais?

Há almas, há corações conformados para esses amores, mas infelizmente são raros.

Adélia era poetisa, e a elevação de sua alma, as inspirações de sua inteligência, a poesia de seu coração tinham-na feito voar até à região acima da qual não é dado ao homem subir... Pairara por algum tempo no mundo da poesia, mas estava prestes a cair, e temia as consequências de sua queda... Conhecia-as de antemão, e já se preparava para a sepultura, onde infalivelmente seria arrojada!

“Mas esse amor não é da terra, é do céu” – lhe dissera um dia sua mãe, e agora a infeliz donzela, mais do que nunca, conhecia a justeza dessas palavras.

Sim, Adélia amava a um homem... e não a um anjo... E esse homem vivia na terra, e não no céu; portanto loucura foi tentar colocá-lo em uma esfera superior à que Deus lhe havia marcado; e amor, sem um objeto, não pode existir; e sendo esse objeto da terra, não podemos amá-lo no Céu.

Foi isto que pretendeu a donzela, mas ah!, agora só conhecia o tresloucamento da sua pretensão.

E não devia ela sofrer, e sofrer muito!!...

Amava extremosamente a um homem, que por último quase lhe confessara amar a uma outra mulher, ver-se por ele esquecida, desprezada, querer matar em seu coração um tal amor, e não poder! Querer amar a um ente imaginário e nele amar ainda mais a esse homem!

Adélia sofria, duplamente sofria: conhecia que ia sucumbir, a aguardava essa hora com resignação, senão prazer.

Sua harpa, muda como sua dona, jazia ao lado da jovem, esquecida, abandonada por sua vez.

Suas flores... Só a natureza tomava cuidado nelas.

Tudo, tudo quanto pertencia à jovem sofria as consequências do abandono de Álvaro.

Havia já vinte dias que ela não o via...

E para quê?...

Quando o sabia entregue a novo amor, que ele tão carinhosamente acalentava em seu peito, a ausência do manco não lhe dizia bastante, para que ela pudesse ainda um momento agasalhar em seu coração uma esperança?!...

Em tudo isso pensava Adélia.

Uma filomela que esvoaçava, deslumbrada pela brilhante claridade do sol, aproximou-se tanto da harpa, que com suas asas roçou pelas cordas, que desferiram um tom queixoso, como se ela se lamentasse do abandono e do desprezo em que sua dona a tinha.

Adélia despertou do letargo doloroso em que estava mergulhada, olhou ao redor de si procurando quem havia tangido as cordas do seu instrumento, porém a filomela já ia longe e a donzela nada viu.

Então esta, soltando um longo suspiro, lançou mão da harpa, como arrependida de havê-la esquecido por tanto tempo, e começou a tocá-la languidamente.

Eram notas soltas, sentidas e queixosas, como o gemer da sonorina²⁹ nas matas, que se desprendiam do instrumento.

Os dedos da jovem percorriam as cordas com desleixo, e inércia, como quem tocava unicamente para tocar, pelo costume, sem ter porém uma ideia, um pensamento para executar.

Mas essas notas assim soltas, assim queixosas, tinham tal encanto, tal magia, que iam diretamente ao coração, para aí fazerem pulsar todos os sentimentos meigos, ternos, e dolorosos que existem no peito humano.

O gorjeio dos passarinhos, que alegres saudavam o astro da luz, ainda mais faziam sobressair, pelo contraste, a tristeza e melancolia que cantavam as cordas da harpa.

²⁹ Abelha carpinteira.

Porém a música tem o dom divinal de se apoderar de nosso corpo, de nosso coração, de nossa alma, de nos transportar, de nos enlevar, de nos extasiar, e sujeitar-nos, subjugar-nos aos encantos da melodia, de dispor, a seu grado, das palpitações de nossos corações, de despertar pensamentos adormecidos no nosso cérebro, de nos dominar enfim inteiramente.

Assim aconteceu com Adélia: quanto mais doloridos eram os sons de sua harpa, mais encantos, mais prazeres achava neles.

Em princípio seus dedos tangiam nas cordas vagarosamente, as notas eram soltas e espaçadas, mas seus dedos foram-se aligeirando, as notas foram-se encadeando, foram gradualmente formando a parte de um todo, a expressão de um pensamento harmonioso, terno e meigo, como o estado do coração da pessoa que tocava a harpa; e por fim acabou em uma música merencória, cadenciada e harmônica, expressão de uma ideia terna e sublime, casando-se quase sem contraste aos gorjeios dos passarinhos.

A um lado do terrapleno, próximo à casa, havia um portão de grades para onde se subia da parte exterior por três degraus.

O portão estava aberto nesse momento.

Quando Adélia começou a dedilhar nas cordas da harpa, assomou no portão uma jovem pálida, cansada, trajando uma ampla e alva túnica que estava manchada de lama, e em alguns lugares rota, seus pés nus estavam ensanguentados e seus braços cruzados sobre os seios comprimiam o violento palpitar de seu coração.

Seus olhos vagavam nas órbitas com medo, e seus olhares não se fixavam em ponto algum. Os sons da harpa de alguma maneira acalmaram sua agitação.

Em princípio parou ela indecisa e receosa no portão, aspirando com força a fragrância da brisa embalsamada.

À proporção que Adélia, mais entregue à música, desfazia notas mais encadeadas, a donzela se adiantava passo a passo, e aproximou-se tanto de Adélia que esta, se grande mágoa não enchesse seu peito, teria ouvido o ansiado respirar da desconhecida.

No momento em que a música que tocava Adélia tomou uma forma, seguiu seu pensamento, a desconhecida, juntando as mãos, veio ajoelhar-se a seus pés.

– Oh! Minha mãe! – murmurou a jovem.

– Quem sois? – exclamou Adélia, recuando espantada.

– Oh! Continuai! Continuai!

Havia tanta meiguice em seus olhares que Adélia, depois de encarar com ar penalizado para a desconhecida, continuou a tocar sua harpa.

A desconhecida, enlevada, sempre ajoelhada, com as mãos postas, com lágrimas os olhos, entoou com voz de anjo a seguinte oração:

Sobre mim — oh, mãe! — um olhar,

Lança da diva mansão,

Que vivo na terra mesquinha,

Sempre triste, em solidão....

Não pode continuar, os soluços lhe embargaram a voz.

– Minha mãe! – murmurou apenas, e caiu exâmine na relva.

Adélia lançou para longe sua harpa, correu a tomar nos braços a desconhecida, bradando por socorro.

Ernesto e Teodora correram aos gritos de sua filha, acompanhados de algumas escravas.

Álvaro entrou pelo portão; e dirigindo-se ao lugar onde ouvira os gritos, recuou, exclamando:

– Oh! Ela... Ela...! – e ocultou o rosto nas mãos.

A desconhecida, em quem sem dúvida a leitora já terá reconhecido Virgínia, pois que era ela, foi levada ainda desanimada para a casa de Gomes.

No momento em que Adélia passava por junto de Álvaro, lhe disse com triste sorriso:

– Sim, ela, Álvaro, é a minha rival preferida, quiçá mais infeliz, mais desgraçada do que eu...

Era muito.

Álvaro fugiu como um louco.

No fim de algum tempo, Virgínia tornou a si, e vendo Adélia à cabeceira do seu leito, lançando-lhe os braços ao pescoço, disse com amor, e meiguice:

– Minha mãe!

– Não, tua irmã!

– Minha irmã...

E novamente desmaiou nos braços de Adélia.

No fim de oito dias, duas jovens belas, vestidas de branco, como dois anjos do Senhor, enlaçadas pelos braços uma da outra, passeavam no improvisado jardim de Gomes.

Eram Adélia, e Virgínia.

X

OS SOFRIMENTOS

Impossível é descrever-se o espanto, o temor que se apoderou da alma de Álvaro, quando viu a sua visão, a virgem dos seus sonhos, o ente que ele amava, sem saber ainda se na realidade ele existia, nos braços de Adélia, essa outra jovem, essa outra virgem que ele amara, e quiçá amava ainda, espanto e terror aumentado por suas palavras ao passar por junto dele: “Sim, ela, Álvaro, é a minha rival preferida, quiçá mais infeliz, mais desgraçada do que eu.” Oh! Estas palavras de Adélia lhe caíram no coração como uma lava abrasadora; e o triste sorriso da donzela no momento em que as pronunciara, grandemente espantava ao mancebo.

Ele tinha visto o fantasma que amava tomar uma forma, tornar-se uma donzela, vira-a nos braços de outra que amara, que nela reconhecia uma rival, mas que contudo a socorria! Oh! Era muita grandeza de alma, era uma inesgotável origem de clemência, perdão e bondade!

E podia, e devia ele assim traí-la?

E a outra?

Aquela, que sob uma aparência fantástica, fatalmente se havia apoderado de seu coração, de sua alma, de sua vida, enfim de todo o seu ser. Podia abandoná-la?

Mas se a essa amasse, e procurasse em seus braços prêmio a um tão grande amor, não seria barbaramente assassinar lenta, e atrozmente, essa jovem meiga, terna, e que unicamente a ele havia amado, a Adélia, enfim?!...

Mas recompensar tamanho amor, tão grande afeição, que esta lhe dedicava, não seria infelicitar-se a si próprio, por suas próprias mãos, quando em seu poder estava a ventura de sua vida?!...

Amava Adélia com amor profundo, veemente, e como se ama no mundo.

Amava a outra com amor grandioso, santo, e sublime!

Possuir ambas era impossível.

Uma só; qual escolher?

Sacudido assim pelas agitadas vagas do seu pensamento, Álvaro tinha chegado a um estado além do qual, um só passo, está a loucura.

Abandonou a fazenda de seu pai, e veio residir na Vila de Itapecuru-Mirim, onde passava dias e noites solitário,

encerrado na casa que alugara, entregue sempre a quejandas meditações.

Consinta a leitora que retrogrademos neste ponto de nossa narrativa, para explicarmos fatos dos quais ainda não demos os menores esclarecimentos, e que ela tem direito de exigir.

Lembramos-lhe a cena passada na clareira entre Álvaro, e mãe *Sio*; pedimos que se recorde que sabendo aquele que o negociante sem fé, o homem perverso, o traidor amigo, que havia sepultado o Comendador Fernando e sua família na desgraça, e morte, era seu pai, fugira espavorido, porém ainda a seus ouvidos chegara a maldição que *Sio* lançava sobre ele.

Então, amedrontado, meio louco, buscou sua fazenda, onde, não encontrando repouso, se dirigiu à Vila do Itapecuru-Mirim, para aí, arrependido, implorar aos pés de Adélia seu perdão, e achar um peito amigo onde derramasse as amarguras do seu.

Virgínia, tendo por costume, malgrado seu, sempre impelida por força irresistível, ir todas as noites, ou quase todas as noites percorrer os quartos solitários da casa da tapera, enquanto que a velha *Sio*, confiada e tranquila, se entregava ao sono, aí se achava no momento em que os moradores circunvizinhos incendiavam a casa.

E foi ela o vulto que os caboclos viram girando nela, e que depois viram espavorido fugir ao incêndio e perder-se nas matas, e que eles julgaram ser o diabo.

A mísera donzela, já louca, aterrorizada ainda mais pelo incêndio, espavorida, se internou pelo mato sem jamais se deparar com o carreiro que conduzia à casinha do bosque.

E assim perdida, cansada, coberta de lama, com os pés ensanguentados, alimentando-se de frutos silvestres, bebendo, como os passarinhos, o orvalho depositado nas folhas, vagou erradia dois dias pelos matos, sem repouso, senão de algumas horas durante a noite.

Ao amanhecer do terceiro dia, achou-se ela à entrada de uma vila; e ouvindo sons melódiosos de um instrumento, atraída pelo poder que a música exerce, mui principalmente sobre grande número de alienados, encontrando um portão aberto, penetrou num jardimzinho, e foi extenuada, e semimorta de fome, desfalecer aos pés de Adélia.

Nessa mesma manhã, chegava Álvaro da fazenda, e se dirigia à casa de Gomes, e ouvindo os gritos de Adélia, entrou pelo portão.

Temos explicado a reunião dessas três mais importantes personagens do nosso romance.

Ao alvorecer do dia, na véspera do qual haviam incendiado a casa da tapera, mãe *Sio*, depois dos preliminares do estilo, entrou no quarto de Virgínia, cuja rede encontrou vazia.

Sio lembrou-se logo da tapera, e sem mais detença se pôs a caminho em demanda desse lugar, já na mente formulando uma séria admoestação a Virgínia, quando, chegando ao lugar da casa, recuou ao aspecto de um montão de cinzas fumegantes.

As lágrimas lhe saltaram em fios dos olhos; e desanimada, e abatida assentou-se próximo a esses restos, e com voz lacrimosa exclamou:

– Em que te tornaste, oh! pacífica habitação de tão bons senhores! O demônio soprou sobre ti o seu hálito abrasado, e o fogo do inferno sem dúvida te consumiu!

Levantou-se; três vezes circulou essas cinzas, e apanhando uma mão cheia lançou-a ao vento:

– Assim como eu lanço ao vento estas cinzas que se perdem no espaço sem que um só grão caia no chão para provar sua existência, assim Guido d’Oliveira, tu, e toda a tua família, e riquezas desaparecerão da terra. Amém.

E partiu correndo sem descanso até que, sem vontade sua, esbarrou na casa de Margarida, onde ouviu contar que o diabo, revestido de uma túnica branca, tinha fugido ao incêndio.

Sio não quis ouvir mais; e ausentou-se correndo sem rumo, e sem destino, até que entrou numa clareira, no centro do mais cerrado mato; e onde encontrou um jovem.

Era Álvaro.

Sabemos o resto; e agora podemos prosseguir a narração interrompida do nosso romance.

Vimos Virgínia carinhosamente acolhida pela família de Gomes, que lhe prodigalizou cuidados e carinhos como se fosse uma segunda filha.

Adélia, nobre, magnânima e generosa, amou a sua rival como se fora sua irmã.

Muitas vezes Adélia com recato questionava Virgínia a respeito de Álvaro; mas esta se mostrava muito admirada de suas palavras.

– Álvaro! Oh! Minha irmã, e o que é Álvaro? – perguntava Virgínia ingenuamente.

– Álvaro é um formoso mancebo que te ama muito!

– Ele me ama muito! Ah! Ah! Ah!...

E nunca pode Adélia obter mais esclarecimentos dela; mas bem depressa conheceu ela que a infeliz donzela tinha desarranjo intelectual, o que ainda mais avivou a amizade que já lhe devotava!

Virgínia, como pode, e lhe permitiu sua debilitada memória, contou a Adélia e a seus pais a história de sua vida; podendo aqueles apenas compreenderem que uma preta velha é que tomava conta da jovem.

Ernesto para logo enviou escravos em procura de Vitoriana, e no fim de alguns dias depararam com ela e a trouxeram à casa de Gomes, onde esta contou miudamente a história dos infelizes pais de Virgínia.

Ernesto ficou aterrado ao escutar essa história, tão vivamente narrada por uma preta velha.

Ele franco, sincero, e honrado, já aplaudia a ausência de Álvaro, o que em começo estranhara.

Não que pretendesse inculpar o filho pelos crimes do pai; mas é que o contato do filho de um criminoso nos constrange, e nos magoa.

A afeição que ele já dedicava à Virgínia cresceu sabendo a história de sua vida.

Adélia tudo também soube. Foi um novo golpe descarregado sobre a cicatriz meio sarada do seu coração; e agora mais que nunca via ser impossível a sua união com Álvaro.

Dias depois, em uma tarde sombria, duas jovens, ambas trajadas de branco, estão assentadas sob o caramanchão.

Adélia está recostada, sua cabeça reclinada no peito, fixa seus olhos em terra, e deles se desprendem lágrimas mornas e silenciosas. Seus lábios murmuram palavras de dor.

– Nunca! Oh! Nunca será meu esposo! – murmurava ela. – É mister uma reparação de sua parte... É forçoso que ele indenize os males que seu pai causou a esta jovem.

E os seus olhares caíram sobre Virgínia, que com infantil ingenuidade admirava a harpa; e quando seus dedos tangiam alguma corda, ela medrosa retirava a mão.

Álvaro, coberto de luto, entrou vagarosamente no terrapleno, sua cabeça inclinada para o chão, e descoberta deixava à mercê da brisa os longos anéis de seus cabelos negros.

Adiantou-se, até ficar defronte de Adélia, e ajoelhando-se a seus pés disse com voz funda e lacrimosa:

– Adélia, perdoa-me!

– Álvaro!

– Álvaro! – repetiu Virgínia, deixando a harpa, e encarrando com o mancebo. – Oh! É belo! – murmurou esta.

O mancebo alevantou a cabeça à voz de Virgínia, um tremor percorreu o seu corpo, mas manteve-se na mesma voz e posição.

Adélia encarou-o com pasmo.

O mancebo estava visivelmente mudado. Suas faces estavam cavadas, seus olhos mergulhados na órbitas despendiam de si esse estranho fulgor, particular aos febricitantes.

Lágrimas de compaixão araram as faces da filha de Gomes.

– A mim – disse ela com brandura – a mim não deves pedir perdão; nunca me ofendestes... não me fizestes mal... porém sim a ela...

E indicava Virgínia.

– A ela! Oh! Quanto és cruel, Adélia!

Esta não respondeu.

Ocultou o rosto nas mãos, e começou a soluçar.

– Álvaro! Quanto és belo! – murmurava Virgínia.

Este se alevantou, aproximou-se de Adélia, e tomou-lhe uma das mãos.

– Oh! Adélia! Porventura um momento de loucura, um momento de desvario não me serão perdoados! Quando a morte de meu pai me enluta a alma, queres que a perda do teu amor me extinga a vida? Queres que a dor me alucine... que me extravie da senda da honestidade? Não me perdoarás tu?

– A ela... A ela implorai vosso perdão!...

– Oh! Queres... Ordenas? Eu te satisfaço.

E dirigindo-se à Virgínia, comprimindo o violento palpitar do seu coração, senhoreando-se com custo de sua comção, com voz alterada, disse: “Virgínia, tu me perdoas?!”

No momento em que a jovem ia responder, por trás dela surgiu uma figura negra, que com voz imperiosa bradou:

– Álvaro, esta é a filha do meu senhor Fernando! Virgínia, este é o filho do assassino de teu pai, e de tua mãe!

Um som rouco, um grito gutural escapou-se dos lábios da donzela.

Seus olhos despenderam estranho relâmpago, uma espuma esbranquiçada cobriu seus lábios.

– Meu pai! Minha mãe! Assassino! – bradou Virgínia, correndo a Álvaro, porém, em meio da sua carreira parou, levou uma mão ao coração, outra à frente, soltou um grito de dor, e caiu sobre a terra!

– Que fiz, meu Deus – exclamou *Sio*, ajoelhando junto a Virgínia.

– Mataste! Mataste-a! – disse Adélia, correndo à sua amiga.

Álvaro, como fulminado por um raio, ficara estático.

Virgínia fora levada para casa.

Um terrível acesso de delírio a acometeu; e quando este declinou, chamou para junto de seu leito mãe *Sio* e Adélia.

– Morro! – disse ela com voz apagada. – Quero ser... enterrada... na tapera...

Foram suas últimas palavras.

Expirou.

XI

UM ANJO

Oito dias são passados depois que da casa de Gomes saiu um féretro que encerrava o cadáver de Virgínia... Oito dias haviam-se passado depois que um anjo, para quem a terra era uma morada provisória, subira ao Céu, puro e imaculado como dele havia descido à terra.

A natureza está silenciosa.

Os zéfiros não transportam em suas asas esses indefiníveis, e gratos sons da terra, esse contínuo hino elevado ao Criador.

O sol difundia raios de luz pálida; e um ar quente soprava em baforadas, impregnadas de um cheiro acre terreno.

Na sala da casa de Gomes, estão sua mulher, e filha.

D. Teodora, assentada próximo duma janela, cose, ou finge coser, lançando de vez em quando um olhar sobre sua filha.

Adélia, pálida, com os cabelos desalinhadamente esparsos pelo colo e ombros, está recostada em uma mesa. Seu vestido preto ainda mais faz destacar a alvura marmórea de seu rosto e colo.

Seus olhos enxutos de lágrimas, baços porém, são cobertos por um véu melancólico... A tristeza ressumava em seu rosto. Sentia sua alma despregar-se da carne, e voar por esses infundos espaços... e ir parar junto ao trono do Onipotente.

A estátua de Níobe não tinha mais palidez e imobilidade do que a filha de Gomes.

Teodora alevantou a vista de sua costura, e fitou sobre sua filha um olhar repassado de angústia e maternal amor.

Manso e manso, acercou-se de Adélia, e com voz que em vão trabalhava de tornar segura, disse:

– Minha filha!

– Ah! – exclamou Adélia, como despertando de um profundo sono.

– Voavas por esses mundos desconhecidos... Despegavas-te da terra onde viste a luz do dia para ires pairar nas regiões com que sonha a tua imaginação... Não é assim, minha filha querida?

– Minha mãe!... Minha mãe!...

– Adivinhei-te... Pensei contigo!? Oh! Não me pretendas enganar... Não pretendas iludir-me... Não sabes que sou tua mãe?!...

– Oh! Bem conheço quanta força têm as vossas últimas palavras... Bem sei que para uma mãe não há lugar oculto no coração de seu filho... Seus pensamentos adivinha-os

ela... Bem sei tudo isto. Nunca vos iludi... Nunca vos pretendi enganar, a vós... que sois minha mãe...

– Que sofre... Que geme... Que padece as tuas dores... Oh! Ainda mais eu padeço... mais gemo... mais sofro porque conheço... que se quisesses não as sentirias...

– Não as sentiria?... E como?...

– Sim, minha Adélia, sim; não as sentirias, porque elas... essas dores... esses tormentos foram criados... e são alimentados por ti... por ti só... Oh! Que te importa uma estranha!... Que te importa uma louca que...

– Acabai, minha mãe... Acabai...

– Adélia!

– Que por caridade deixastes que morresse em vossa casa? Não é isso que íeis dizer? Oh! minha querida mãe, o muito amor que me tendes vos torna egoísta... Quereis mostrar-vos má, quando grande bondade encerra o vosso coração...

– Porém, minha filha...

– Oh! Perdoai-me, minha mãe, se vos interrompo... Deixai-me atar o fio de meus pensamentos, que sinto fraquejarem progressiva, e gradualmente. Essa desconhecida que em vossa casa morreu, e que amei como irmã, morreu vítima da malvadeza de um homem; e o que é ainda mais, vítima inocente e pura... Oh! foi um anjo que Deus enviou em meu encontro. Os prazeres deste mundo não me iam prendendo... E pouco a pouco me entregava às suas ilusões... mas uma fatalidade fez vacilar o amor deste mancebo, que eu cria generoso e nobre, precipitou-o num labirinto de dú-

vidas, desespero, e amor, que o torturava a todos os momentos. O amor que eu lhe inspirei chegou a ser por momentos abafado... Oh! minha mãe, em troca duma afeição pura, e recompensada, como a sua pela minha, amou com veemência e frenesi a um coração de gelo, a uma cabeça vazia de pensamentos... Dedicou seu amor a uma douda... à filha da vítima de seu pai... E não foi Deus que assim lhe pôs no peito essa paixão para seu martírio, para que fosse por sua vez holocausto imaculado, oferecido em resgate de uma vítima inocente? Não achais, minha mãe, que Deus, assim introduzindo uma suspeita no meu coração me quis salvar... e conservar-me pura?

– Minha Adélia, que linguagem é essa?

– É a da descrença do mundo, e da fé no Céu.

– Mas por que essa descrença do mundo? Onde e quando quebrou ele as tuas doces ilusões, o almejar do teu coração?

– No dia em que Virgínia pela primeira vez se prostrou a meus pés, endereçando uma súplica a Deus, e a sua mãe, na Glória... No dia finalmente em que ela, em meus braços, soltou o último suspiro, chamando-me *irmã*... Oh! minha mãe... Eu serei sua irmã, mas para isso é mister conservar-me sem mancha... sempre pura...

Um suspiro e um soluço abafado ecoou na sala.

Teodora e Adélia voltaram-se.

Álvaro estava em pé, no centro da sala, imóvel, descoberto, pálido, olhos fundos, e faces emagrecidas.

– Senhor Álvaro! – proferiu Teodora.

– Eis-me aqui, senhora! – E, voltando-se para Adélia, com lágrimas na voz, disse: – D. Adélia, eu vos escutei. Quebrei o encanto de vossas doiradas ilusões... Matei os vossos brilhantes sonhos... Mergulhei-vos num oceano de descrença.... Mas, Senhora, eu vos juro que foi mau grado meu... Que fui arrastado por uma fatalidade, que me persegue; que fui impellido por uma força desconhecida, e a que não me era dado resistir... E nem o podia...

– Oh! Eu bem sei.

– Sabeis? Oh! Senhora, quanto vossas palavras, como um bálsamo consolador, me refrigeram, e apagam o fogo que me devora o coração.... Vós sabeis?!... Logo me perdoais...

– Nunca vos acusei...

– Oh! Então ainda posso aguardar que um dia....

– Não, senhor Álvaro, não... Além do meu perdão, nada mais de mim deveis esperar, e nem eu vos posso, e nem devo prometer...

– Minha filha...

Álvaro abaixou o rosto. Conservou-se calado por alguns instantes; e, quando alevantou a fronte, seus olhos estavam vermelhos, quiçá de lágrimas.

– Eu não tenho o direito de indagar as razões...

– Elas não vos devem ser estranhas. Deus assim determinou... Deus me inspirou este pensamento que unicamente me sustenta... que só me dá forças... porque conheço... que cumprido ele eu sucumbirei ao peso da minha dor...

E Adélia, semi-exâmine, caiu no colo de sua mãe. Álvaro rojou-se a seus pés.

– Oh! D. Adélia, quando não de mim, ao menos de vós tende piedade... A minha vida inteira toda vo-la consagrarei.

– Basta, senhor! O leito onde Virgínia estortegou-se nas ânsias da morte ainda existe...

– Virgínia! – exclamou Álvaro, levantando-se.

– Minha filha! – disse Teodora.

– Sim, Virgínia a quem comigo conjuntamente amastes... E a quem, quiçá, um dia preferiríeis se em algum tempo ela vos pudesse amar. Oh! Senhor, prosseguiu ela com triste sorriso, tendes a desventura de desfolhar sobre sepulturas as rosas dos vossos amores...

– Minha filha! – exclamou Teodora entre suspiros, estreitando-a nos braços – Minha querida filha!

– Minha mãe, as rosas esparsas sobre a minha sepultura não serão desfolhadas pelas mãos do senhor Álvaro. Uma modesta cruz, em lugar ermo, marca o lugar de eterno repouso³⁰ de uma outra virgem... Lá... Lá só deve ele espalhar flores e lágrimas... Essa tem mais direito... Porque eu nunca serei sua esposa.

E desmaiou nos braços de sua mãe.

Gomes correu aos gritos de sua esposa; e para logo procurou com os meios a seu alcance reanimar sua filha.

Álvaro, com os lábios roxos de dor, conservou-se em pé, imóvel, e mudo, até que Adélia deu sinais de vida; então, dirigindo-se a Gomes, e sua mulher, disse:

30 Mais uma vez, o autor emprega uma forma portuguesa, embora ela ainda subsista em determinadas regiões do Brasil.

– Senhor, eu vos peço perdão pelas dores e angústias que acarretei para vossa casa... Mas, eu vo-lo confesso, que se há mais tempo soubesse a história dos *meus*, respeitaria vossa casa como se respeita o Santuário, onde não pode nem deve entrar o filho do *criminoso*. Uma vida de longo arrependimento, e expiações só me pode comprar a remissão dos pecados que não cometi. Adeus, Senhor. Adeus, minha querida e respeitável Senhora, talvez para sempre.

E saiu.

– É um generoso mancebo... – disse Gomes.

– Expia crimes que não cometeu! – proferiu Teodora.

– Deus é justo e grande.

EPÍLOGO

Seis meses são passados.

No lugar que outrora ocupava a casa da tapera do Comendador, e donde removeram o entulho de suas ruínas, hoje vê-se uma palhoça, e próximo desta uma modesta cruz.

O dia desponta risonho e belo, o sol aquece com seus raios a terra umedecida pelo orvalho da noite.

Nos braços da cruz pendem duas coroas de perpétuas brancas, já emurchecidas pelo calor do dia.

Um mancebo, todo coberto de luto, ora ajoelhado aos pés dessa cruz; as lágrimas lhe correm em fios pelas faces, os soluços estremecem em seus lábios.

– Basta! Basta! Tanta dor ofende por certo a Deus – disse ele, alevantando-se. – Dorme em paz no teu túmulo, Virgínia, e roga a Deus por aquele a quem não tiveste tempo de perdoar.

E o mancebo se afastou lentamente, tético e abatido.

Era Álvaro.

Uma preta velha, que o encarava da porta da sua palhoça, logo que Álvaro se afastou, adiantou-se arrimada a um bordão, dirigiu-se para a cruz, tirou as coroas de perpétuas murchas, que substituiu por outras frescas.

– Ah! Guanza! Guanza! Que triste sorte te coube no mundo! Todos aqueles que amaste onde estão? Na sepultura...

E se alguém perguntasse a essa preta velha quem jazia nessa sepultura, ela responderia:

É a *Virgem da Tapera*.

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Adélia, poeta n'alma, e coração não mais viveu a vida do mundo: os dias passava ela embebida em profundo meditar; suas palavras tornavam-se cada vez mais raras, seu rosto cobriu-se do palor do marfim, seus olhos estavam constantemente velados pelas pálpebras, que como um véu lhe ocultavam o brilho.

Assim viveu anos essa vida estranha!

Em vão seus pais procuravam por todos os meios chamá-la à vida real, e positiva.

Eram esforços baldados.

O enfraquecimento, e a palidez de Adélia aumentavam cada dia, e por último uma ligeira tosse, tornando-se mais grave à medida do tempo, veio afligi-la.

Adélia nunca mais proferiu o nome de Álvaro; o de Virgínia porém era constantemente proferido por seus lábios.

No fim de dois anos, Adélia não pode mais resistir ao progresso de sua moléstia, e caiu em um leito de dores, prostrada pela tísica pulmonar.

Conhecendo que se aproximava seu último dia, pediu um sacerdote, para ouvi-la de confissão.

Um frade carmelita se apresentou, e acercou-se do seu leito de morte.

Dois gritos escaparam ao mesmo tempo:

– Álvaro!

– Adélia!

No dia seguinte, esta já era cadáver.

Um frade passou o dia todo rezando, e chorando ajoelhado à cabeceira desse leito da morte.

Era Frei Álvaro d'Anunciação Oliveira.

No momento em que depositavam o cadáver da donzela no féretro, ele, aspergindo, entre lágrimas, exclamou:

– Vai! Vai, cândida pomba do Senhor! Vai assentar-te entre os anjos teus irmãos... Vai, que o hálito impuro deste mundo não te manchou a candidez de tua alma... Vai-te reunir a essa outra virgem... a quem fraternal amor dedicaste na terra, e que entre anjos te aguarda... As flores dos meus amores murcharam... caíram no pó do sepulcro... E hoje só lágrimas tenho para umedecer vossas campas... Vai...

roga... rogai ambas a Deus por mim, que tão triste, tão só, fico aqui neste mundo.

E as lágrimas, e os soluços lhe embargaram a voz.

Cordialmente agradeço a todas as pessoas que se dignaram concorrer para a publicação deste meu romance, e ainda mais àqueles Senhores que quiseram ajudar-me na tarefa de conseguir assinantes, e espero a ocasião em que lhes possa mostrar meu reconhecimento.

N.B. Alguns erros tipográficos, apesar dos cuidados do hábil revisor, encontram-se no presente romance, porém sendo de fácil correção, deixamos de dar uma errata.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Francisco Gomes de (2000) *Teatro. Ódio de Raça*. Cedro Vermelho. Braga: Angelus Novus (ed. de Maria Aparecida Ribeiro e Fernando Matos Oliveira).

BANDECCHI, Brasil; ARROYO, Leonardo; ROSA, Ubiratan (1970) *Novo Dicionário de História do Brasil* (ilustrado). São Paulo: Melhoramentos.

DICTIONARY OF LITERATURE (1995) London: Brockhampton Press.

COSIMO “Um Plebiscito Litterario”. *O Álbum*, Rio de Janeiro: segunda série, ano I, n.40, setembro de 1893, p. 319-320, e nº 41, outubro de 1893, p. 328.

FRANÇA, Julio (2017) “O sequestro do Gótico no Brasil.” In: COLUCCI, Luciana e FRANÇA, Julio. *As nuances do Gótico: do Setecentos à atualidade*. Rio de Janeiro: Bone-

cker, p. 111-124

JANOTTI, Maria de Lourdes (2005) “Balaiada: construção da memória histórica”. In: *História*, São Paulo: UNESP, v. 24, n.1, p. 41 a 76.

LIMA, Luís Costa (1976) *A perversão do trapezista. O romance em Cornélio Pena*. Rio de Janeiro: Image/ Secretaria de Ciência e Tecnologia.

NAVARRO, Eduardo de Almeida (1998). *Método Moderno de Tupi Antigo. A língua do Brasil dos primeiros séculos*. Petrópolis, RJ: Vozes.

“Noticiário. Romance”. *Publicador Maranhense*. 20 de dezembro de 1861 (nº 290, p. 2); 1 de março de 1862 (nº 49, p. 2)

LOBATO, João Clímaco. *A Vela de Cera. O Constitucional*. Folha liberal, literária e comercial. Maranhão: ano V, nº 92, de 15 de março de 1856 a 2 de abril de 1856, nº 94.

OUSBY, Ian (1994) *The Worldsworth companion to litterature in English*. Hertford: Hertfordshire Editions.

RODRIGUES, Silvana Lopes (2011) “Retratos’ de mulheres na literatura brasileira do século XIX”. Ribeirão Preto: *Revista Plures Humanidades*, ano 12, nº15, jan-jun, p. 117-140. <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/122396/issn1518-126x-2011-12-01-117-140.pdf?sequence=1&isallowed=y>. Consultado em 9/9/2023.

SOUSA, Maria Leonor Machado de (2002). “Fantástico”. In: *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, v. 2, p. 468-471.

SOUZA, Antonia Pereira de (2017) *A Prosa de Ficção nos Jornais do Maranhão Oitocentista*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.

VIANNA, Hélio (1970) *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, v. I, Período Colonial, 8ª ed. rev. e atualizada.

VON HERING, Rodolpho (1968) *Dicionário dos Animais do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília.

ÍNDICE

Introdução	5
A Virgem da Tapera	25
I A visão	27
II Adélia	41
III Indagações	55
IV Erotomania	71
V Virgínia	79
VI A alma de Rodrigo	91
VII Vitoriana	99
VIII Os incendiários	111
IX Duas virgens	121
X Os sofrimentos	129
XI Um anjo	139
Epílogo	147
Referências Bibliográficas	151



Composto em Minion pro